

Currículo Artístico

Paulo Araújo Pontes Filho

Profissão: Ator . DRT: 221/ . Nome artístico: Paulo de Pontes

Área de atuação: TEATRO, CINEMA, TV

DADOS PESSOAIS:

Natural: Rio de Janeiro . Nacionalidade: Brasileira . :

: Casado . : . SSP/

Formação: Escolaridade: 2º grau . Curso técnico Artes Gráficas (incompleto) ETEPAM

FORMAÇÃO ARTÍSTICA:

1984 – OFICINA DE MÍMICA E INTERPRETAÇÃO ministrada por Luis de Lima de 15 a 24 de agosto no teatro Valdemar de Oliveira, Recife/PE;

1989 - ENCONTRO COM O TEATRO NÔ E YUKIO MISHIMA ministrada pelo GRUPO DE ARTE PONKÂ, nas Oficinas Culturais Três Rios – SP;

1989 – OFICINA DE INTERPRETAÇÃO ministrada por Carlos Barreto, nas Oficinas Culturais Três Rios;

1989 – Oficina de INTERPRETAÇÃO PARA CINEMA, ministrada por Fátima Toledo, nas Oficinas Culturais Três Rios/SP

1991 - Oficina de CLOWN, ministrada por Fernando Vieira no 12º FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP;

1999 – OFICINA DE PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PARA O APOCALIPSE 11.1 – ministrada pelo GRUPO DE TEATRO DA VERTIGEM, Centro cultural Oswald de Andrade/SP.

CONTATOS:

: , – – – –

Instagram: @paulo.pontes.56 . Celular: 81 – 9 9207.9080

EXPERIÊNCIA COMO ATOR/INTÉRPRETE EM TEATRO

- 1) 1984 – O FANÁTICO (Recife/PE), texto de Cleusson Vieira, direção de Sérgio Barbosa e produção GRUPO PANORAMA TEATRO. Prêmio de MELHOR ATOR REVELAÇÃO no V FESTIVAL DE TEATRO DE BOLSO – TEBO;
- 2) 1985 – MARIA MINHOCA (Recife/PE), texto de Maria Clara Machado, direção de Paulo de Castro, produção PAULO DE CASTRO PRODUÇÕES;
- 3) 1985 – TODO MUNDO NA LONA (Recife/PE), texto e direção de Ivaldo Cunha Filho, produção FOCO NO MULAMBO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS. Indicado a MELHOR ATOR COADJUVANTE no VI FESTIVAL DE TEATRO DE BOLSO – TEBO;
- 4) 1985 – PULEM! O BARQUINHO VAI AFUNDAR (Recife/PE), Texto e direção de Sérgio Barbosa, produção do grupo PANORAMA TEATRO. Prêmio de Melhor ator infantil na 1ª MOSTAF – MOSTRA DE TEATRO DO FUNDÃO;
- 5) 1986 – CROMOSSOMOS (Recife/PE), de Clarice Ilgenfritz, direção Sérgio Barbosa, produção grupo PANORAMA TEATRO;
- 6) 1986 – UM BARCO CHAMADO BRASIL (Recife/PE), texto e direção de Romildo Moreira;
- 7) 1986 – DON CHICOTE MULA MANCA (Recife/PE), texto de Oscar Von Pfuhl, direção de Amauri Santos, PRODUÇÃO matriz Prêmio de MELHOR ATOR DE TEATRO INFANTIL no VII FESTIVAL DE TEATRO DE BOLSO –TEBO;
- 8) 1987 – OS CEGOS (Recife/PE), texto de Michel de Goderode e Vander Vêlden, direção de Carlos Lira, produção do grupo CALA BOCA JÁ MORREU;
- 9) 1987 – OBSTÁCULO NO PRAZER (Recife/PE), texto de Cleusson Vieira, direção de Adriano Macena, produção do grupo PANORAMA TEATRO;
- 10) 1987 a 1999 – AVOAR (Recife/PE, Garanhuns/PE, João Pessoa/PB, Campina Grande/PB, Maceió/AL, Brasília/DF), texto de Vladimir Capela, direção de José Manoel, produção TTTRÊS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS;
- 11) 1987 – O MÁGICO DE OZ (Recife/PE), Texto de Márcio Machado e Roberto Fabel, produção de DRAMART PRODUÇÕES;
- 12) 1988 – MARIA BORRALHEIRA (Recife/PE), texto de Vladimir Capela, direção Manoel Constantino, produção da PAPAGAIOS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS;
- 13) 1988 – A MÁQUINA DO TEMPO (Recife/PE), texto de Maria Mattoso, direção de Rogério Costa, produção COOPERATIVA DE ARTISTAS UNIDOS – CORAU;
- 14) 1988 – O CIRCO DE SEU BOLACHA (Arcoverde/PE, Caruaru/PE), Texto de Paulo Oliveira Lima, direção de Sérgio Barbosa, produção do grupo PANORAMA TEATRO;
- 15) 1990 – A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA (Recife/PE), texto Autor desconhecido, direção Williams Sant’anna, produção FETEAP – FEDERAÇÃO DE TEATRO E DANÇA DE PERNAMBUCO;

- 16) 1990 – DOROTÉIA (Recife/PE, Campina Grande/PB, Garanhuns/PE, São José do Rio Preto/SP), texto de Nelson Rodrigues, direção de Williams Sant’anna, produção CIA. THÉSPIS DE REPERTÓRIO;
- 17) 1991 – PLUFT! O AVESSO POÉTICO DE UM FANTASMINHA (Recife/PE), texto de Maria Clara Machado, direção de Júnior Sampaio, produção PARCAS SERTANEJAS;
- 18) 1991 a 1994 – A LIRA DOS VINTE ANOS (Recife, Garanhuns/PE, Campina Grande/PE), texto de Paulo César Coutinho, direção de Antônio Cadengue, produção CIA DE TEATRO SERAPHIN. Prêmio ATOR COADJUVANTE no FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO E DANÇA DE JOÃO PESSOA/PB;
- 19) 1991 – DON JUAN, texto de Tirso de Molina, direção de Williams Sant’anna, produção de CIA THÉSPIS DE REPERTÓRIO.
- 20) 1991 – NADA DE MORRER NA PRAIA (Recife/PE), texto e direção de Paulo André Guimarães, produção da CIA DO SOL;
- 21) 1991 – O GALO JACKSON (Recife/PE), texto e direção de Antônio Bernardis, produção de ANTÔNIO BERNARDIS PRODUÇÕES;
- 22) 1991 – O ESPOSO INFERNAL, texto de Paulo Azevedo Chaves, direção de Carlos Sales, produção CASA AZUL;
- 23) 1992 – COMO VENCER NA VIDA SEM FAZER FORÇA (Recife/PE), texto de Paulo André Guimarães, produção da CIA DO SOL;
- 24) 1993 – SENHORA DOS AFOGADOS (Recife/PE, Garanhuns/PE, Campina Grande/PB, Lisboa/PT, CUBA), texto de Nelson Rodrigues, direção de Antônio Cadengue, produção CIA DE TEATRO SERAPHIN;
- 25) 1993 – A GRANDE SERPENTE (Recife/PE), texto de Racine Santos, direção de Moncho Rodriguez, produção do curso FUNDAJ/PE;
- 26) 1993 – O REINO DESEJADO (Recife/PE), texto de Ronaldo Correia de Brito, direção de Moncho Rodrigues, produção FUNDAJ/PE;
- 27) 1993 a 2024 – CINDERELA, A HISTÓRIA QUE SUA MÃE NÃO CONTOU! (Recife/PE, Maceió/AL, Natal/RN, Fortaleza/CE, Garanhuns/PE, Caruaru/PE, Petrolina/PE, São Paulo/SP), texto de Henrique Cellibi, direção de Jeison Wallace;
- 28) 1993 – JACARÉ ESPAÇONAVE DO CÉU (Recife/PE), texto de Zé Zucca, direção de José Manoel, produção REMO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS;
- 29) 1994 – CERIMÔNIAS (Recife/PE, Lisboa, Figueira da foz/PT, Porto, Valongo/PT, Guimarães/PT), direção Moncho Rodriguez, produção Moncho Rodriguez;
- 30) 1993 – O MÁGOCO DE OZ, O RETORNO, texto de Antônio Bernardis, direção de José Manoel, produção ANTONIO BERNARDIS PRODUÇÕES;
- 31) 1994 a 1998 – EM NOME DO DESEJO (Recife, Garanhuns/PE, Campina Grande, João Pessoa/PB, Rio de Janeiro/RJ, São Paulo/SP), texto de João Silvério Trevisan, direção de Antônio Cadengue, produção da CIA TEATRO DE SERAPHIN. Prêmio de ator coadjuvante no FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE;
- 32) 1994 – HELIOGÁBALO E EU (Recife/PE), texto de João Silvério Trevisan, adaptação de George Moura, direção George Moura, produção CIA DE TEATRO SERAPHIN;

- 33) 1994 – O JARDIM DAS CEREJEIRAS (Recife/PE), texto de Anton Tchekhov, tradução de Paulo Micheloto, direção de Antonio Cadengue, produção CIA. DE TEATRO SERAPHIN;
- 34) 1994 – ENCONTROS COM GENET (Recife/PE), texto Jean Genet, adaptação e direção Antônio Cadengue, produção CIA DE TEATRO SERAPHIN;
- 35) 1993 – A GATA BORRALHEIRA (Recife/PE), texto e direção de Paulo André Guimarães, produção da CIA DO SOL;
- 36) 1995 – AS CRIADAS (Recife/PE), texto de Jean Genet, direção Williams Sant’anna, produção CIA THÉSPIS DE REPERTÓRIO
- 37) 1995 – OS BIOMBOS (Recife/PE, Campina Grande/PB)), texto de Jean Genet, direção de Antônio Cadengue, produção da CIA TEATRO DE SEREPHIN; Indicação ao prêmio de MELHOR ATOR no FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE/PB;
- 38) 1995 - ERA UMA VEZ, ERAM DUAS, ERAM TRÊS...(Recife/PE), texto e direção de Paulo André Guimarães, produção da CIA DO SOL;
- 39) 1996 – AUTO DO FRADE – AUTOS CABRALINOS (Recife/PE, Lisboa/PT) , texto João Cabral de Melo Neto, direção de Antônio Cadengue, produção CIA TEATRO DE SERAPHIN;
- 40) 1996 – MORTE VIDA SEVERINA – AUTOS CABRALINOS (Recife/PE, Lisboa/PT), texto de João Cabral de Melo Neto, direção de Antônio Cadengue, produção CIA TEATRO DE SEREPHIN;
- 41) 1996 – A GUERRA DOS PLANETAS (Recife/PE), texto e direção de Paulo André Guimarães, produção CIA DO SOL;
- 42) 1996 a 2003 – A PAIXÃO DE CRISTO DO RECIFE (Recife/PE), texto e direção de José Pimentel, produção de PAULO DE CASTRO PRODUÇÕES;
- 43) 1997 – PINDORAMA (Recife/PE), texto e direção de Paulo André Guimearães, produção CIA DO SOL;
- 44) 1997 – O SÍTIO DE ZÉ PREGUIÇA (Recife/PE), texto e direção de Paulo André Guimarães, produção CIA DO SOL;
- 45) 1998 – ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA (Recife/PE, Maceió/AL, Natal/RN), texto e direção Roberto Costa, Produção Roberto Costa Produções Artísticas;
- 46) 1998 – AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD, texto e direção de Paulo André Guimarães, produção CIA DO SOL;
- 47) 1998 – PETER PAN (Recife/PE), texto e direção Roberto Oliveira, produção da CAPIBARIBE PRODUÇÕES);
- 48) 1999 - A CIGARRA E A FORMIGA (Recife/PE) , texto e direção Roberto Oliveira, produção da CAPIBARIBE PRODUÇÕES);
- 49) 1999 – O MISTÉRIO DAS OUTRAS CORES (São Paulo/SP, Recife/PE), texto de Paulo André Guimarães, direção de Edilson Rigaard, produção CIA TRUPE DO BARULHO;
- 50) 2000/2002 – DEU A LOUC@ NA HISTÓRIA QUE SUA MÃE NÃO CONTOU (Recife/PE, Maceió/AL, João Pessoa/PB, Natal/RN, Caruaru/PE, Garanhuns/PE),

- texto de Henrique Cellibi, direção de Jeison Wallace, produção TRUPE DO BARULHO;
- 51) 2001 – OS SALTIMBANCOS, texto de Chico Buarque, direção de Antonio Bernardis, produção de ANTÔNIO Bernardis produções;
- 52) 2001 – ARMADILHA (Recife/PE, Garanhuns/PE), texto de Ronald Radde, direção de Marcos Rodrigues, produção Paulo de Pontes;
- 53) 2002 – AS FILHAS DA P... (Recife/PE, Maceió/AL, João Pessoa/PB, Natal/RN, Caruaru/PE, Garanhuns/PE), texto de Henrique Cellibi, direção de Jeison Wallace, produção TRUPE DO BARULHO;
- 54) 2003/2004 – AS MALDITAS (Recife/PE, João Pessoa/PB, Natal/RN, Maceió/AL), texto de Luiz de Lima Navarro, direção Edilson Rigaard, produção da TRUPE DO BARULHO;
- 55) 2003 – FEAVEL, UM CONTO AMERICANO (Jaboatão dos Guararapes/PE), texto de Antonio Bernardis, direção de Cleusson Vieira, produção de ANTONIO BERNARDIS PRODUÇÕES;
- 56) 2004 – AS 3 PORQUINHAS... (Recife/PE, Maceió/AL, João Pessoa/PB, Natal/RN, Caruaru/PE, Garanhuns/PE), texto de Henrique Cellibi, direção de Jeison Wallace, produção TRUPE DO BARULHO;
- 57) 2004 – A CARAVANA DA ILUSÃO (Recife/PE, Garanhuns/PE, Fernando de Noronha), texto de Alcione Araújo, direção de Marcondes Lima, produção MÉTRON PRODUÇÕES. Prêmio de MELHOR ATOR no FESTIVAL JANEIRO DE GRANDES ESPETÁCULOS;
- 58) 2005/2006/2007/2008/2009 – ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO (São Paulo/SP, São José do Rio Preto/SP, Campinas/SP, Porto Alegre/RS, Recife/PE, Curitiba/PR) da obra de Gilberto Freire, Adaptação de Newton Moreno, produção OS FOFOS ENCENAM;
- 59) 2005 - BRANCA BLACK (São Paulo/SP), texto de Newton Moreno, direção de Fernando Neves, produção ONG A FERVEÇÃO;
- 60) 2005 a 20013 - A MULHER DO TREM (São Paulo/SP, Campinas/SP, todas as cidades de SP, Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, Rio de Janeiro/RJ), texto de Maurice Hennequin e George Mitchell, direção de Fernando Neves, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 61) 2005 - DEUS SABIA DE TUDO..., texto e direção de Newton Moreno, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 62) 2006 – FERRO EM BRASA (São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Curitiba/PR), texto de Antônio Sampaio, adaptação de Newton Moreno, direção de Fernando Neves, produção de OS FOFOS ENCENAM
- 63) 2007/2008/2009 – PRIMAVERA DAS FLORES, CORES E AMORES (São Paulo/SP, Campinas/SP), texto e direção Beth Rizo, produção CIA DO RISO;
- 64) 2008 – DONA FAIXA E SUAS PLACAS AMESTRADAS (São Paulo/SP), texto e direção Beth Rizo, produção CIA DO RISO;
- 65) 2009/2012 – MEMÓRIA DA CANA (São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Brasília/DF, Curitiba/PR, Recife/PE), adaptação de Album de Família de Nelson Rodrigues, por Newton Moreno, produção de OS FOFOS ENCENAM

- 66) 2011/2013 – TERRA DE SANTO (São Paulo/SP), texto e direção de Newton Moreno, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 67) 2011 – A FÁBULA DOS REINOS TRANSFORMADOS (São Paulo/SP), texto e direção de Simone Evaristo, produção Simone Evaristo;
- 68) 2013 – A HISTÓRIA DO AMOR DE ROMEU E JULIETA (CCSP/SP), texto de Ariano Suassuna, direção Paulo de Pontes, produção Paulo de Pontes;
- 69) 2013 – ANTES DO ENTERRO DO ANÃO – BAÚ DA ARETHUZA (São Paulo/SP), texto domínio público, direção Fernando Neves, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 70) 2013 – A RÉ MISTERIOSA – BAÚ DA ARETHUZA (São Paulo/SP), texto domínio público, direção Fernando Neves, produção de OS FOFOS ENCENAM
- 71) 2013 - VANCÊ NÃO VIU, MINHA FIA? – BAÚ DA ARETHUZA (São Paulo/SP), texto domínio público, direção Fernando Neves, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 72) 2013 – DAR CORDA PRA SE ENFORCAR – BAÚ DA ARETHUZA (São Paulo/SP), texto domínio público, direção Fernando Neves, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 73) 2013 – A CANÇÃO DE BERNADETE – BAÚ DA ARETHUZA (São Paulo/SP), texto domínio público, direção Fernando Neves, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 74) 2014/2015 – DOIS IDIOTAS SENTADOS CADA QUAL EM SEU BARRIL (São Paulo/SP, Recife/PE), texto de Ruth Rocha, direção de Stella Tobbar, produção BORBOLINA CIA;
- 75) 2015/2016 – HAMLET AO MOLHO PICANTE (São Paulo/SP), texto de Aldo Nicolai, direção de Dagoberto Feliz, produção MOSTACCO PRODUÇÕES;
- 76) 2016 – O MENINO E A CEREJEIRA (São Paulo/SP, Recife/PE), texto Daisaku ykeda, adaptação e direção Stella Tobbar, produção BORBOLINA CIA;
- 77) 2018 – A CEIA DOS CARDEAIS (Recife/PE), texto de Júlio Dantas, direção de Carlos Reis, produção COOPERATIVA;
- 78) 2018/2019 – PROSCENIUM! (Recife/PE), texto Quiercles Santana, direção Célio Pontes e Quiercles Santana, Produção PONTES CULTURAIS;
- 79) 2018/2019/2022 – A PAIXÃO DE CRISTO DE NOVA JERUSALÉM (Brejo da Madre de Deus/PE), Texto de Plínio Pacheco, direção de Carlos Reis e Lúcio Lombardi
- 80) 2018/2019/2023/2024 – BAILE DO MENINO DEUS (Recife/PE), texto e direção de Ronaldo Corrêa de Brito, produção de RELICÁRIO PRODUÇÕES;
- 81) 2019 – MUITO TEMPO COM VOCÊ (Recife/PE), Texto de João Luíz Vieira, direção de Eric Valença, produção CIA MARAVILHAS;
- 82) 2020 – INFLAMÁVEL – TEATRO VIRTUAL (Recife/PE), texto de Alexandro Souto Maior, direção de quiercles Santana, produção da CIA MARAVILHAS;
- 83) 2020 – 72 DIAS – TEATRO VIRTUAL (Recife/PE), texto Paulo de Pontes, direção Quiercles Santana, produção CIA MARAVILHAS;
- 84) 2021 - SUEÑO (São Paulo/SP, Recife/PE, Cali e Bogotá/Colômbia), texto adaptado do Sonho de Uma Noite de Verão, de Newton Moreno, direção Newton Moreno, produção MOSTACCO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS;
- 85) 2022 – O MISTÉRIO DO COELHINHO PENSAnte (São Paulo/SP), texto de Clarice Lispector, direção de Marco Lima, produção da CIA LOS LOBOS BOBOS;

- 86) 2022 – AQUILLO DEU NISSO (São Paulo/SP), dramaturgia e direção de Márcio Abreu, produção de OS FOFOS ENCENAM;
- 87) 2022 – BATALHA DOS GUARARAPES, ASSIM NASCEU A PÁTRIA (Jaboatão dos Guararapes/PE), texto e direção de Ruy Aguiar, produção da MÉTRON PRODUÇÕES;
- 88) 2022 – CONEXÕES 3X4 – A PEDRA NO NAVIO – LEITURA DRAMATIZADA (Recife/PE), texto de João dênis, direção de João Augusto Lira, Produção de João Augusto Lira;
- 89) 2023 – AS CONCHAMBRANÇAS DE QUADERNA, O CASOO DO COLETOR ASSASSINADO (São Paulo/SP), texto de Ariano Suassuna, direção de Fernando Neves, Produção de BEIJO PRODUÇÕES E CIA VURDON DE TEATRO INTINERENTE;
- 90) 2023 – O BEM AMADO MUSICADO (São Paulo/SP), texto de Dias Gomes, direção de Ricardo Grasson, produção de Rodrigo Velloni;
- 91) 2023 – AS TRÊS PORQUINHAS E O LOBO BLAU (Recife/pe), texto de Cleusson Vieira, direção de Cleusson vieira e Paulo de Pontes;
- 92) 2024/26 O NINHO, UM RECADO DA RAÍZ (São Paulo/SP), texto e direção de Newton Moreno, produção de Rodrigo Velloni;
- 93) 2024 – FREI CANECA O SALVADOR DA PÁTRIA, texto e direção de Carlos Carvalho, produção PAULO DE CASTRO PRODUÇÕES;
- 94) 2025 - NORMA BENGELL, O BRASIL EM REVISTA, texto e direção AIMAR LABAKI, SESI/FIESP
- COMO DIRETOR DE TEATRO**
- 94) 2001 – DONA MORTE VIRA VIDA (Recife/PE, Garanhuns/PE), texto e direção de Paulo de Pontes. Prêmio especial do Júri do Festival Janeiro de Grandes Espetáculos, produção de Paulo de Pontes;
- 95) 2009 – OS SUPER CONDUTORES (São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Manaus/AM), texto de Flávio Costa, direção de Paulo de Pontes e Cleusson Vieira, produção de ANTÔNIO BERNARDIS;
- 96) 2022 – AS TRÊS PORQUINHAS E O LOBO BLAU (Recife/PE, Garanhuns/PE, Caruaru/PE), texto de Cleusson Vieira, direção Paulo de Pontes, produção PAULO DE CASTRO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS;
- 97) 2023/2024 – YERMA ATEMPORAL (Recife/PE, Garanhuns/PE, Arcoverde/PE, Caruaru/PE) texto de Federico García Lorca, adaptação de Simone Figueiredo, direção de Paulo de Pontes e Simone Figueiredo, produção Simone Figueiredo;

EXPERIÊNCIA EM ATUAÇÃO PARA TV

- 98) 1994 – FIORI É COISA DE CINEMA – VT COMERCIAL 30”
- 99) 1997 a 2023 – FIAT ITALIANA – Garoto propaganda: BAMBINO
- 100) 2004 – CARTÃO VISA – VT COMERCIAL 30”
- 101) 2006 - A DIARISTA – SERIADO - EP. NÚMEROS PRIMOS (REDE GLOBO), convidado especial, direção de José Alvarenga Filho;

- 102) 2006 – A DIARISTA – SERIADO - EP. PELÍSSIMA (REDE GLOBO), ator convidado Paulo de Pontes, direção José Alvarenga Filho;
- 103) 2007 – CÂMERA CAFÉ – SERIADO (SBT) , participação especial de Paulo de Pontes, direção de Jacques Lagoa;
- 104) 2007 – AMIGAS E RIVAIS – NOVELA (SBT), participação especial Paulo de Pontes, direção de Jacques Lagoa, Henrique Martins e Luíz Antonio Piá;
- 105) 2015 – AMORTEAMO – MICROSÉRIE (REDE GLOBO), Participação especial Paulo de Pontes, direção de Flávia Lacerda;
- 106) 2017 - CARINHA DE ANJO - NOVELA (SBT), participação especial de Paulo de Pontes, direção geral de Ricardo Montoanelli;
- 107) 2017 - A FÓRMULA – SERIADO (REDE GLOBO), Participação especial de Paulo de Pontes, direção de Flavia Lacerda;
- 108) 2020 – CAIXAS MÁGICAS : MEMÓRIAS MARINHAS. UMA LEITURA DE UM SÁBADO EM TRINTA. De Hilton Lacerda. Curta Metragem para TV. CANAL CURTA, produção Carnaval Filmes;
- 109) 2022 – POLIANA MOÇA – NOVELA (SBT), participação especial Paulo de Pontes.

EXPERIÊNCIA EM ATUAÇÃO PARA CINEMA

- 110) 2017 – A COMÉDIA DIVINA – Longa metragem GLOBO FILMES, direção Toni Venturi;
- 111) 2019 – A PRESEPADADA – Curta metragem Central GLOBO de produções, direção de Rodrigo César;
- 112) 2023 – O SERTÃO VAI VIR AO MAR – Curta metragem Central GLOBO de produções, direção de Rodrigo César;
- 113) 2024 – O SERTÃO VAI VIR AO MAR – Curta metragem Central GLOBO de produções, direção de Rodrigo César;

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS

EXPERIÊNCIA COMO ATOR/INTÉRPRETE EM TEATRO

1) 1984 – O FANÁTICO

2) 1985 – MARIA MINHOCA



3) 1985 – TODO MUNDO NA LONA 4) 1985 – PULEM! O BARQUINHO VAI AFUNDAR



5) 1986 – CROMOSSOMOS

6) 1986 – UM BARCO CHAMADO BRASIL



7) 1986 – DON CHICOTE MULA MA 8) 1987 – OS CEGOS



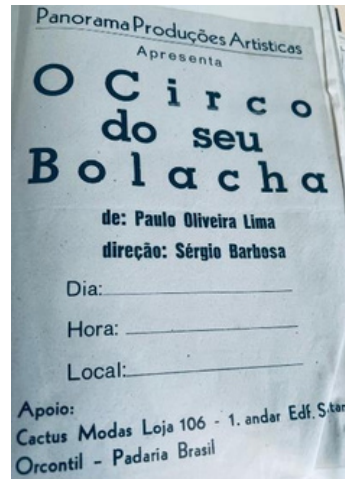
9) 1987 – OBSTÁCULO NO PRAZER 10) 1987 a 1999 – AVOAR



11) 1987 – O MÁGICO DE OZ 12) 1988 – MARIA BORRALHEIRA



13) 1988 – A MÁQUINA DO TEMPO 14) 1988 – O CIRCO DE SEU BOLACHA



15) 1990 – A GUERRA MAIS OU MENOS SANTA 16) 1990 – DOROTÉIA



17) 1991 – PLUFT! O AVESSO POÉTICO
DE UM FANTASMINHA

18) 1991 a 1994 – A LIRA DOS VINTE ANOS



19) 1991 – DON JUAN

21) 1991 – O GALO JACKSON



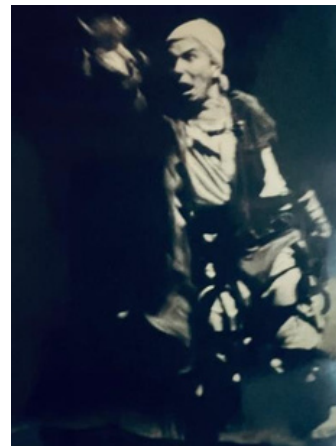
22) 1991 – O ESPOSO INFERNAL

23) 1992 – COMO VENCER NA VIDA SEM FAZER FORÇA



24) 1993 – SENHORA DOS AFOGADOS

25) 1993 – A GRANDE SERPENTE



26) 1993 – O REINO DESEJADO



27) 1993 a 2024 – CINDERELA, A HISTÓRIA QUE SUA MÃE NÃO CONTOU!

FOLHA de PERNAMBUCO

TEATRO

"Cinderela - A História Que Sua Mãe Não Contou" volta à cena com apresentações no Teatro Guararapes

Espectáculo foi um fenômeno de público no Recife nos anos 1990 e projetou o comediante Jeison Wallace

Por Portal Folha de Pernambuco
18 OUT. 2024 às 16h49



"Cinderela - A História Que Sua Mãe Não Contou" - Renan Andrade/Divulgação

"Cinderela - A História Que Sua Mãe Não Contou", fenômeno teatral pernambucano nos anos 1990, retorna aos palcos. A icônica peça da Trupe do Barulho terá duas apresentações no Teatro Guararapes neste domingo (21), às 16h e 19h.

Foi o espetáculo teatral que revelou o ator Jeison Wallace como Cinderela, personagem que ele seguiu interpretando no teatro, na TV e na internet. Mais de 30 anos depois, o artista dirige a volta da peça, atualizando piadas e trazendo o texto para os dias atuais.

Junto com Jeison Wallace, estarão em cena outros dois nomes do elenco original: Roberto Costa (Fada Madrinha) e Paulo de Pontes (Madrasta). Além dos veteranos, foram convidados para completar o grupo os atores André Lins, Petreson Eloy, Rick Thompson, Luan Alves e Venâncio Torres.

"Cinderela - A História Que Sua Mãe Não Contou" ficou dez anos em cartaz, quebrando recorde de público no Recife. De autoria de Henrique Celibi, a peça viajou por vários estados do Brasil.

Serviço:

"Cinderela - A História Que Sua Mãe Não Contou"
Neste domingo (21), às 16h e 19h
No Teatro Guararapes (Centro de Convenções de Pernambuco - Av. Prof. Andrade Bezerra, s/n, Salgadinho, Olinda)
Ingressos a partir de R\$ 45, no site Cecon Tickets e bilheteria do teatro
Informações: (81) 98463-8388

28) 1993 – JACARÉ ESPAÇONAVE DO CÉU



29) 1994 – CERIMÔNIAS



30) 1993 – O MÁGOCO DE OZ, O RETORNO



31) 1994 a 1998 – EM NOME DO DESEJO



32) 1994 – HELIOGÁBALO E EU / 33) 1994 – O JARDIM DAS CEREJEIRAS

Companhia de teatro exercita a crítica

Com o Clássico da dramaturgia universal *O Jardim das Cerejeiras*, de Anton Tchekov, a Companhia Teatro de Seraphim concluiu o seu projeto Seraphim Revisões. O espetáculo, dirigido por Antonio Cadengue, está em cartaz até amanhã, no Teatro Arretio Júnior. A paixão pelo teatro uniu 43 pessoas entre atores, técnicos e encenadores, para realizar um mergulho sobre o ofício teatral. De acordo com a atriz Lúcia Machado "a releitura do grupo está diretamente ligada com a linha adotada pela Companhia internamente: "exercitar ainda mais a função crítica e ao mesmo tempo mostrar para o público uma outra possibilidade de se trabalhar na cidade, que não é costumeira".

As releituras críticas empreendidas pelo grupo contaram com a exibição dos espetáculos *A Luta dos Vinte Anos*, *Em Nome do Desejo*, *O Jardim das Cerejeiras*, encenados por Antonio Cadengue e *Heliogábo e Eu*, dirigido por George Moura. Segundo os Seraphims o projeto "veio da necessidade de refletir sobre a trajetória da companhia", ou seja, "o momento de pensar sobre os resultados das buscas, no sentido de marcar a nossa identidade enquanto produtores culturais, compromissos e em sintonia com a cena brasileira contemporânea".

Lúcia Machado acredita que os espetáculos "voltaram diferentes, inovados, em alguns atores que queremos, em alguns atores que não queremos, observamos claramente um salto, foi um trabalho

de meses, em setembro já estávamos pensando".

Para revisitar sua própria função teatral, a Cia. Teatro de Seraphim fez suas revisões incluindo as quatro peças, numa reavaliação pela busca de seu próprio caminho cênico. Sinais de amadurecimento do grupo que o público parece acompanhar. "Gerou uma polémica que foi uma coisa que nós também queríamos provocar", afirma Lúcia. "A cidade também tem que abrir para as discussões para as divergências, de uma maneira ética, civilizada, a gente se propõe a isso", diz.

Solidão — A Cia. Teatro de Seraphim existe há dois anos perseguindo uma cena limpa, poética, de beleza plástica e que toque o coração do público, mas os apoios continuam escassos. "com um mínimo de apoio das empresas privadas, de algumas entidades como Fundarpe ou Fundaj, vital apoio da TV Jornal (José Mário Auatragel), e como nossos próprios recursos (cooperativa)", informa. "As dificuldades permanecem", diz. "Com esse projeto conseguimos uma abertura maior, que vejo como salto positivo, mas é um momento da companhia se tornar mais sólida, com uma produção quase sintética então o público já tem uma referência".

O projeto, além das montagens, incluiu oficinas de interpretação com Maria Lúcia Pereira, a nível interno, e de crítica teatral com Maria Lúcia e George Moura, palestras de Literatura por João Silvério Trevisan, autor de *Em Nome do*

Desejo e *Heliogábo e Eu*.

"Nós nos sentimos, às vezes, muito solitários, muito sozinhos empunhando uma bandeira", desabafo Lúcia Machado. "Mas a criação é uma coisa muito solitária" reflete. A grande dificuldade, que não é exceção dos grupos locais, está em conciliar o trabalho artístico com a produção. "A cia. está num limite seu, ela tem que ser uma empresa e tem que trabalhar marketing, leis de mercado, como nós fazemos tudo isso se reflete no palco, no cansaço, no desgaste". "Exteriormente estamos satisfeitos mas temos que pensar na empresa", comenta. "A cidade não tem um profissional de produção, é uma coisa que está se criando".

Planos — Muitas ideias povoadas as cabeças dos componentes da Cia. de Seraphim. "Existe muita coisa fervilhando já, mas como a gente queimou muita energia, vai dar um tempo para juntar todo o fogo. Para este segundo semestre, não há nada de concreto. Vamos nos armazenar de novo de energia para queimar o fogo da paixão".

Segundo Lúcia a solidão advém também da cidade não estar atendida para o mundo, e eles estão, é uma coisa de ilha. "Acho que voamos alto e às vezes parecemos petulantes, quando não somos, não queremos encharcar, queremos trabalhar e fazer as coisas que achamos importantes, pra nós e pra cidade: mas acho que é coisa de provincia, coisa pequena mesmo, e o que tentamos às vezes não conseguimos, faltam os recursos", desabafo.

"É o olho para a produção da cidade e não sintonizo, mas esse foi o caminho que a gente escolheu e não escolheu à toa, é uma opção de vida, esse o teatro que a gente sabe fazer, e vai fazer sem concessões".

"Além do projeto estético, existe o processo pedagógico, de formação permanente. Nós trabalhamos com atores iniciantes sem medo de assumir os riscos. Um dos grandes projetos para o futuro ser uma cia. — escola", adianta. Enquanto isso não acontece, o grupo viajara com as peças do repertório para o Festival de Inverno de Garanhuns, Festival de Teatro de Campina Grande e temporada em Petrolina.

Cerejal — O espetáculo, cartaz mostra o drama econômico vivido pelos Raniévskis, que com a chegada de industrialização e progresso na Rússia perdem o status aristocrático, tendo a propriedade rural — o cerejal — hipotecada e leiloadas para pagar as dívidas. O texto escrito em 1903, ecoa na atual realidade brasileira segundo os integrantes do grupo desde o discurso sobre o trabalho e o progresso é um mundo novo as nossas relações servis canais.

Um momento de "Em Nome do Desejo"

A Companhia de Seraphim conclui amanhã seu projeto de releituras críticas. Na foto, cena de "O Jardim das Cerejeiras"

35) 1993 – A GATA BORRALHEIRA



36) 1995 – AS CRIADAS



37) 1995 – OS BIOMBOS

00:38

Sete Letras lança edição de "Os Biombos"

ATUALIZAÇÃO: 19 de novembro de 2015

São Paulo, 19 (AC) — O xaxote da montagem de "Os Biombos", dirigida por Victor Garcia no distrito de Pó, no Teatro Ruth Escobar, parecia estar abdicado caminho para traduções e montagens de vários países de Jean Genet no Brasil. No entanto, no contexto de seu trabalho, a peça foi montada em uma montagem brasileira de outro texto do autor francês, além de "Os Biombos" e "As Criadas", as longas décadas (últimas 30 anos).

Uma dessas releituras encenadas — da peça "Os Biombos" —, realizada em 1995 pela Companhia Teatro de Seraphim, com sede no Recife, foi dirigida por Antonio Cadengue, com tradução de Carlos Fátima Sassi. A montagem, encenada pela Cia. Seraphim, foi a primeira vez que a peça foi montada no Brasil.

Segundo ele, a tradução era um problema, uma vez que a Fundação Jean Genet é muito rigorosa em relação ao texto original de Jean Genet. "Ele já havia aprendido o nome de Fátima na tradução de 'Os Biombos', também de Genet, e por isso a escolha", conta. "Ele havia (involuntariamente) citado 'Os Biombos' em uma das suas obras, a peça 'Os Biombos', e ainda 'Os Biombos', de Pierre Corneille, e 'Os Biombos', de Victor Hugo, entre outros autores contemporâneos. É a Seta Latina, já



00:38

Uma dessas releituras encenadas — da peça "Os Biombos" —, realizada em 1995 pela Companhia Teatro de Seraphim, com sede no Recife, foi dirigida por Antonio Cadengue, com tradução de Carlos Fátima Sassi. A montagem, encenada pela Cia. Seraphim, foi a primeira vez que a peça foi montada no Brasil.

Segundo ele, a tradução era um problema, uma vez que a Fundação Jean Genet é muito rigorosa em relação ao texto original de Jean Genet. "Ele já havia aprendido o nome de Fátima na tradução de 'Os Biombos', também de Genet, e por isso a escolha", conta. "Ele havia (involuntariamente) citado 'Os Biombos' em uma das suas obras, a peça 'Os Biombos', e ainda 'Os Biombos', de Pierre Corneille, e 'Os Biombos', de Victor Hugo, entre outros autores contemporâneos. É a Seta Latina, já

00:38

Uma dessas releituras encenadas — da peça "Os Biombos" —, realizada em 1995 pela Companhia Teatro de Seraphim, com sede no Recife, foi dirigida por Antonio Cadengue, com tradução de Carlos Fátima Sassi. A montagem, encenada pela Cia. Seraphim, foi a primeira vez que a peça foi montada no Brasil.

Segundo ele, a tradução era um problema, uma vez que a Fundação Jean Genet é muito rigorosa em relação ao texto original de Jean Genet. "Ele já havia aprendido o nome de Fátima na tradução de 'Os Biombos', também de Genet, e por isso a escolha", conta. "Ele havia (involuntariamente) citado 'Os Biombos' em uma das suas obras, a peça 'Os Biombos', e ainda 'Os Biombos', de Pierre Corneille, e 'Os Biombos', de Victor Hugo, entre outros autores contemporâneos. É a Seta Latina, já

38) 1995 - ERA UMA VEZ, ERAM DUAS, ERAM TRÊS!



39) 1996 – AUTO DO FRADE | AUTOS CABRALINOS | 40) 1996 – MORTE VIDA SEVERINA



TEATRO

Autos Cabralinos. Auto do Frade

Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural

18.10.1996 Brasil / Pernambuco / Recife – Teatro Barreto Júnior



TEATRO

Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina

Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural

18.10.1996 Brasil / Pernambuco / Recife – Teatro Barreto Júnior



Elenco

Anamaria Sobral / Autos Cabralinos. Auto do Frade
André Filho / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Bernardo Lucena / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Betho Silva / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Cláudio Lira / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Cybele Jácome / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Gilberto Brito / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Hilton Azevedo / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Janine Aroucha / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Lúcia Machado / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Márcia Cruz / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Maria Onice / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Nino Fernandes / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Paula Francinete / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Paulo de Pontes / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Rejane Melo / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Saturnino de Araújo / Autos Cabralinos. Auto do Frade
Vanise Souza / Autos Cabralinos. Auto do Frade



Elenco

Anamaria Sobral / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Severina
André Filho / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Bernardo Lucena / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Severina
Betho Silva / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Cláudio Lira / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Cybele Jácome / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Gilberto Brito / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Hilton Azevedo / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Janine Aroucha / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Lúcia Machado / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Márcia Cruz / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Maria Onice / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Nino Fernandes / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Paula Francinete / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Paulo de Pontes / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Rejane Melo / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Saturnino de Araújo / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina
Severina
Vanise Souza / Autos Cabralinos. Morte e Vida Severina

41) 1996 – A GUERRA DOS PLANETAS



42) 1996 a 2003 – PAIXÃO DE CRISTO DO RECIFE



NOTÍCIAS

1 04.04.12 - 18H47

Espectáculo da Paixão de Cristo é encenado no Recife

Conteúdo Compartilhe

[caption id="attachment_16048" align="right" width="334" height="100"]O espetáculo da Paixão de Cristo do Recife pode ser visto no Marco Zero e em Casa Amarela. Foto: Wellington Dantas



A partir desta quarta (4) será encenado no Recife a Paixão de Cristo. O espetáculo será encenado na vida,

Recife e no Largo da Feira, em Casa Amarela.

Paixão de Cristo do Recife - Comandado pelo ator e diretor José Pimentel, que interpreta Jesus Cristo, o espetáculo Paixão de Cristo do Recife conta com elenco de 100 atores e 300 figurantes. A encenação será realizada de hoje (04) a domingo (06), às 20h, no Marco Zero. Este é o 10º ano consecutivo em que a Paixão é encenada no Recife, já tendo sido vista por mais de um milhão de espectadores. Além da direção e da atuação, José Pimentel também fez a adaptação do texto, fiel aos evangelhos.

No espetáculo deste ano, a principal novidade é a renovação do elenco. Foram realizadas oito substituições. O papel de Maria, por exemplo, será de Angélica Zentil. Quem fará Madalena será Gabriela Quental. "O elenco era o mesmo há muito tempo. Então há uma renovação natural. Além disso, algumas pessoas ficaram doentes, outras tinham compromissos profissionais", explica Pimentel, que se orgulha de ter um elenco formado por atores pernambucanos.

Além do elenco, para que a trajetória do maior personagem de todos os tempos seja mostrada ao público durante duas horas ininterruptas - sem que a plateia precise se deslocar -, são utilizadas três estruturas de 20m de comprimento por 14m de largura que se transformam em nove palcos com diferentes cenários, idealizados por Octávio Catanho, que também interpreta Pilatos. Os cenários são ligados por uma passarela com dois planos, onde acontecem as cenas do povo e ainda a chegada de Cristo à Jerusalém montado no jumento, e o caminho ao Calvário.

São utilizados equipamentos de som com moderna tecnologia digital, equipamentos de iluminação de ponta, câmeras de luz, efeitos especiais e ainda acontece um show profético. Os efeitos especiais ajudam a compor a magia do espetáculo em cenas como a aparição dos demônios e o terremoto, logo após a morte de Cristo. Há ainda foguetes rubros que, passando sobre a cabeça do público, estouram na árvore do enforcamento de Jesus. Na

que, passando sobre a cabeça do público, estouram na árvore do enforcamento de Jesus. Na ascensão de Cristo, José Pimentel levitará, coberto por nuvens de fumaça, a sete metros do chão. Se para a ressurreição são utilizados 30kg de fogos coloridos por apresentação.

Acessibilidade - A apresentação da Paixão de Cristo do Recife desta quinta-feira (05/04) contará pela primeira vez com intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A ação é uma parceria entre a Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos do Recife com a Faculdade Fransinetti do Recife (FAFIRE), que irá disponibilizar alunos dos cursos de pedagogia e ciências biológicas para trabalharem como voluntários na ação. Os deficientes auditivos ficarão em área vip e poderão acompanhar a interpretação também através de um telão.

Casa Amarela - Já na Zona Norte da cidade, a "Paixão de Cristo de Casa Amarela", que este ano comemora 10 anos de existência, revela as emoções da vida de Jesus Cristo com um elenco formado por 40 atores e 100 figurantes. Com direção de Luiz Carlos Lucas e figurino de Gerson, o espetáculo acontece no Largo da Feira de Casa Amarela, gratuitamente, nesta quinta (5) e sexta (6), às 21h.

SERVIÇO

Paixão de Cristo do Recife

De 04 a 06 de abril, às 20h

Praça do Marco Zero, Recife Antigo

Entrada Franca

43) 1997 – PINDORAMA



44) 1997 – O SÍTIO DE ZÉ PREGUIÇA



45) 1998 – ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA



Chapeleiro Vermelho
- Enredo em Lajes
Rita Lima

lobo, causando frisson nas crianças, que passaram a interagir com os atores gritando revelando esconderijos, às vezes torcendo claramente pelo esfoameado canivete, que foi o personagem mais aplaudido no final apesar de sua captura pelo caçador merecer total aprovação. Pena que a voz do lobo interpretado por Régis de Souza fica abafada sob a máscara. Alá, a gritaria das crianças impede que se ouça o texto na maior parte das cenas. E por falar em voz, a atriz Edivane Batista (sic) (a mamãe dona chapeleiro), precisa melhorar a entonação no final das frases que saem soluçadas. O clássico texto de Charles Perrault, que já mereceu inúmeras montagens, sendo conhecido no mundo todo, foi adaptado por Uziel Lima, que ampliou a participação das personagens femininas. A mãe, principalmente, que antes era limitada a preparar os docinhos a serem levados a (sic) vovó recomendando-

Também como sucesso de bilheteria, Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, adaptação, direção e produção de Roberto Costa a partir do filme

Aladim e a Lâmpada Maravilhosa



46) 1998 - AS AVENTURAS DE ROBIN HOOD

Parte 2 - Teatro Para Crianças no Recife - 60 Anos de História no...

Published on Dec 11, 2014

Cultura.PE Follow

Pesquisa do jornalista e pesquisador teatral Leidson Ferraz sobre a história do Teatro para Crianças no Recife, no século 20.

da Disney, com coreografia de Nilson Muniz, continuou a atrair um ótimo público ao Teatro Valdemar de Oliveira, numa encenação repleta de efeitos especiais, grande elenco e luxuosos figurinos que reproduziam fielmente o desenho animado sobre um jovem pobre que sonha em mudar de vida, até que encontra uma lâmpada maravilhosa com um histriônico gênio que realiza seus desejos e o transforma em príncipe. No elenco, vinte e dois atores e bailarinos vivendo cinquenta papéis, entre eles, Bobby Mengualho, Mônica Vilarim, Jô Ribeiro, Alberto Brigadeiro, Ricardo Mourão, Taidênio Lopes (Jay Lopez), André Trinidad, Thiago Diniz, Pascoal Filizola, Nilson Muniz, Viviane Oliveira, Priscila Vilarim e Paulo de Pontes (com substitutos como Jorge Cláudio, Edilson Rygaard, Inaldo Oliveira, Joella Alves e Pepeu Resende, entre outros). Já Hipopocari, o Rei da Gaihofa voltou em temporada no Teatro do Parque, substituído depois por Os Três Porquinhos, da Portugal Produções, mas ambas produções assumidas também pela Paulo de Castro Produções.

Como estreia, surgiu As Aventuras de Um Dinossauro Apaixonado, texto e direção de Ivaildo Cunha Filho e direção musical de Allan Sales, pela Marketing Eventos Culturais, no Teatro Apolo, com trama que se passava na floresta amazônica onde o ambicioso Pterodactylus pretende dominar tudo com patas de ferro (os atores usavam máscaras enormes e todas as falas eram

As Aventuras de Um Dinossauro Apaixonado



dubiedade. A peça teve longa carreira, sendo vista nas cidades de Garanhuns, Moreno, Vitória de Santo Antão, Lajedo (PE) e João Pessoa (PB). No elenco, Eliane Luna, Pedro Dias, Vinícius Coutinho, Ivaildo Cunha Filho, Koana Koweyque, Isabel Cristina, Bruno de Oliveira, Fernando Matos, Roberto Emmanuel, Henrique Pires, Leandro Henrique, Joana D'Arc, Altamar de Andrade, Marcos Antônio de Lima, Odá Felix, Roberto Hildegarth e Rinho Ventura (voz em off). Já a Companhia do Sol encenou As Aventuras de Robin Hood, com adaptação e direção de Paulo André Guimarães promovendo sessões especialmente fechadas para escolas no Teatro Valdemar de Oliveira. No elenco, entre outros, Alberto Brigadeiro, Ricardo Mourão, Paulo de Pontes, Joella Alves, André Trinidad e Mônica Vilarim.



As Aventuras de Robin Hood

Outro lançamento foi O Príncipe dos Mares de Olinda Contra a Fúria das Águas, da Cia. das Artes, com trilha sonora ao vivo e desenhos de figurinos e adereços em cena (bem ao estilo manguelbeat), orações do estilista Eduardo Ferreira. Com cenários de rampas que adentravam na plateia do Teatro Barreto Júnior e uso de um ônibus de sucata que voavam sobre a cabeça dos espectadores numa referência ao jogo de zigue-zague, esta ópera-balé escrita e dirigida por Vital Santos se desenrolava com enredo no ano de 1631, quando o rei tem um sonho e convoca o príncipe João Peri de Nassau para concretizá-

49) 1999 – O MISTÉRIO DAS OUTRAS CORES



50) 2000/2002 – DEU A LOUCA NA HISTÓRIA

QUE SUA MÃE NÃO CONTOU



TEATRO ADULTO 1999/2000
Deu a Louca na História que
sua Mãe não contou
Produção: Trupe do Barulho (PE)
Texto: Henrique Celiberto
Direção: Jerson Wallace
Foto: Divulgação
Teatro do Pique / Dia 20 às 16h

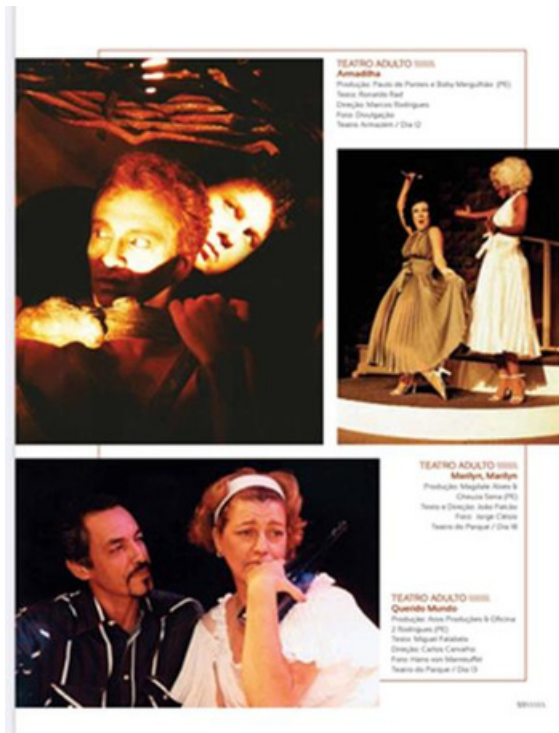
TEATRO DANÇA 1999/2000
Bate do Menino Deus
Produção: Bate Popular do Recife (PE)
Texto: Ronaldo Correia de Brito
Coreografia: André Medeiros e Anna Miranda
Foto: Marcello Lyra
Teatro do Pique / Dia 27



51) 2001 – OS SALTIMBANCOS



52) 2001 – ARMADILHA



53) 2002 – AS FILHAS DA P...



54) 2003/2004 – AS MALDITAS



55) 2003 – FEAVEL, UM CONTO AMERICANO



56) 2004 – AS 3 PORQUINHAS...

Roberto Costa, Paulo de Pontes e Bobby Mergulhão em *As três porquinhos* / 2004
(Foto: Rinaldo Nascimento/Teclab)

Leidson Ferraz: Hoje, a Cia. Trupe do Barulho se resume a três componentes de sua origem: Aurino Xavier, Flávio Luiz e João Ribeiro. Existe a possibilidade de outros atores se incorporarem à equipe?

Aurino Xavier: Claro que sim, ganhando percentual ou cachê fixo, a opção é de cada um. Agora, no comando de produção, não. Até porque a experiência já mostrou que muita gente querendo decidir junto, não dá certo.

Flávio Luiz: E, assim, seguimos em frente. Em 2006, por exemplo, com direção de Manoel Constantino, estreamos *As criadas...*, mais um texto de Luiz de Lima Navarro. Na realidade, queríamos montar *As criadas*, de Jean Genet, só que Aurino achou que a linguagem não seria ideal para a Trupe. Então, conversamos com Luiz e ele foi preparando uma espécie de adaptação, onde as personagens são travestis que sonham em ser madames. Desde então, a resposta de público tem sido a melhor possível, quase tão surpreendente quanto *As filhas do p...*!

Aurino Xavier: A estreia da peça celebrou os quinze anos da companhia e além de mim, Flávio e João, contamos, também, com Bobby Mergulhão no elenco, nosso parceiro em vários trabalhos, e Ricardo Neves, uma aposta nossa que deu certo, porque tem veia cômica. Nós o convidamos para assumir uma das criadas, Solange, e Flávio ficou com a Clair. Após uma temporada de três anos, devido a compromi-



57) 2004 – A CARAVANA DA ILUSÃO



TEATRO ADULTO |||||

A Caravana da Ilusão

Produção: Métron Produções e

Tarciana Portela (PE)

Texto: Alcione Araújo

Direção: Marcondes Lima

Foto: Célio Pontes

Teatro Armazém / Dias 17 e 18

TEATRO ADULTO |||||

Joguete

Produção: Cia. Bufo de Teatro (BA)

Texto: baseado em Samuel Beckett

Adaptação e Direção: Joice Aglae

Foto: Divulgação

Teatro Armazém / Dia 31

58) 2005/2006/2007/2008/2009 – ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO

São Paulo, sábado, 15 de outubro de 2005 **FOLHA DE S. PAULO** **ilustrada**
[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

"ASSOMBRAÇÕES DO RECIFE VELHO"**Lírico e cômico, texto transborda sensações**

SERGIO SALVIA COELHO
 CRÍTICO DA FOLHA

Inaugurando um novo espaço cultural no Casarão do Belvedere, "Assombrações do Recife Velho" se insere em um gênero já consagrado no teatro paulistano: o do teatro itinerante, que troca a distância entre palco e plateia por passeios por patrimônios históricos reabilitados, exigindo do ator, ao mesmo tempo, concentração e despojamento. Desde o início recebida pelos "contadores de causos", a plateia enche os ouvidos com o sotaque e com o ritmo recifense e logo sentirá o cheiro do cachimbo do pai-de-santo e o perfume da viúva visitada pelo morto, provará o doce de banana feito em tempo real e pressentirá entidades nas sombras dos candeeiros.

Amparado por uma imprescindível Bolsa Vitae, o diretor Newton Moreno se aprofundou, com o apoio da própria Fundação Gilberto Freyre, na história riquíssima da miscigenação brasileira: entes africanos convivem com fantasmas europeus, lobisomens e dibuks assombam as mesmas vielas. Mais que folclóricos, os "causos" do livro homônimo de Freyre revelam a sexualidade e os preconceitos do brasileiro, dando continuidade assim à busca de "Agreste", o texto consagrado de Moreno.

Desta vez, porém, não há o árido e transcendente rigor da direção de Márcio Aurélio. Dirigido pelo próprio autor,

"Assombrações..." tem o tom das duas outras montagens do seu grupo Os Fofos Encenam ("A Mulher do Trem" e "Deus Sabia de Tudo..."), exibidas no mesmo espaço, em que o humor é o instrumento principal do questionamento.

O grande carisma de Paulo de Pontes remete ao de Marco Nanini, recifense como ele, assim como a delicada Luciana Lyra e a sensual Elaine Kauffman. A sensualidade também é garantida por José Roberto Jardim e Eduardo Reyes, mas domina o quase escracho de Marcelo Andrade, o despojamento de Fernando Neves, Carlos Ataíde e Kátia Daher.

Salta aos olhos a grande versatilidade de Alex Gruli, que, ao passar do perplexo pesquisador de fora para o caquético morador local, mostra uma técnica que lembra o "Café com Queijo", do grupo Lume.

Entre o que se conta e o modo de contá-lo, Moreno mostra-se um dramaturgo seguro. Enquanto diretor, porém, não resiste a um excesso de idéias que acabam diluindo a proposta. No episódio em que a tortura política é evocada, ao trocar a delicada integração com o público (que faz desta montagem uma irmã da antológica "Hysteria", do grupo XIX) pela imagem arquetípica da santa torturada (estratégia que é marca registrada do Teatro da Vertigem, de Antônio Araújo), o espetáculo destoa e, ao voltar ao tom original, acaba parecendo redundante. Porém, mesmo ganhando com um enxugamento, as duas horas de espetáculo transbordam de sensações inesquecíveis: Jesus menino brinca com o demônio nas ruas de Recife.

Assombrações do Recife Velho

★ ★ ★

Texto: Gilberto Freyre Adaptação e direção: Newton Moreno
 Com: cia. Os Fofos Encenam

Quando: qui. a sáb., às 21h; dom., às 19h; até 13/11

Onde: Casarão do Belvedere (r. Pedrosa, 267, Bela Vista, tel. 0/xx/11/3842-5522)

Quanto: R\$ 10

60) 2005 a 20013 - A MULHER DO TREM

OS
Fofos
encenam

HOME

O GRUPO

PEÇAS

BAÚ DA ARETHUZZA

BLOG

CONTATO

AGENDA

A Mulher do Trem

Home > Peças > A Mulher do Trem

SINOPSE

A *Mulher do Trem* tem como cenário a sala de visitas de uma casa da classe média carioca de meados do século XX. No dia do casamento dos personagens centrais, o noivo, mais velho do que a noiva, aconselha o sogro a ser mais enérgico com a esposa, porque considera a sogra uma ditadora. Ele conta também suas aventuras de solteiro, enfatizando o caso que teve com uma mulher misteriosa, em um trem que fazia o percurso Rio – São Paulo. Revela que essa mulher sempre foi um mistério em sua vida pois nunca chegou a ver seu rosto ocultado por um chapéu.

A sogra, que ouve tudo escondida, planeja uma vingança: depois da cerimônia, revela ao genro ser ela a mulher do trem, e que sua única filha é fruto daquele encontro. O conflito está armado pois estamos diante de um caso em que o marido acha que é o pai da esposa.

Todos os elementos do espetáculo estão dispostos conforme a tradição circense. A maquiagem é trabalhada com cores diversas para exacerbar o caráter não realista desta linguagem teatral. De acordo com a pesquisa do grupo sobre a tipologia circense (galãs, ingênua, vilões etc), a escolha das cores de cada personagem-tipo está relacionada a função que o ele exerce nessa dramaturgia. A trilha sonora é executada ao vivo por um pianista.

GALERIA



Histórico

Ficha Técnica

texto

Maurice Hennequin e Georges Mitchell

direção

Fernando Neves

direção musical e pianista

Fernando Esteves

arranjo da música Belo Par

Pedro Paulo Bogossian

elenco

Carlos Ataíde, Cris Rocha, Eduardo Reyes, Erica Montanheiro, José Roberto Jardim, Katia Daher, Marcelo Andrade, Paulo de Pontes, Stella Tobar e Zé Valdir

atores alternantes

Alex Grull, Carol Badra, Fernando Neves, Rodrigo Pociidônio e Silvia Poggetti

cenário

Leopoldo Pacheco e Marcelo Andrade

figurino

Carol Badra e Leopoldo Pacheco

iluminação

Eduardo Reyes

fotografia de cena

Christina Rufatto

direção de produção

Eduardo Reyes

Duração: 90 min.

Classificação: 12 anos

61) 2005 - DEUS SABIA DE TUDO...

Os Fofos encenam HOME O GRUPO PEÇAS BAÚ DA ARETHUZZA BLOG CONTATO AGENDA

Deus sabia de tudo... Home > Peças > Deus sabia de tudo...

SINOPSE

O espetáculo é estruturado em 6 esquetes que se utilizam do humor como instrumento mordaz de reflexão, abordando aspectos diversos do comportamento homoerótico contemporâneo: a intolerância e a violência; a hipocrisia da igreja católica que perdoa seus padres pedófilos e homossexuais; um olhar para terceira idade no mundo gay; a possibilidade da expressão de afeto em público e o aparente extinto preconceito aos aidéticos.

GALERIA



Ficha Técnica

direção e dramaturgia Newton Moreno	operação de luz Kátia Daher
elenco Abílio Tavares (voz off) Alex Grulh Carol Badra Carlos Ataíde Eduardo Reyes Fernando Neves José Roberto Jardim Marcelo Andrade Paulo de Pontes	trilha sonora Newton Moreno
ator substituto Thiago Adorno	operação de som Fernando Esteves
cenário Newton Moreno	design gráfico Eduardo Reyes
figurino Leopoldo Pacheco e Carol Badra	fotografia Guto Muniz e Tika Trindade
iluminação Eduardo Reyes	produção Leopoldo De Leo
	realização Os Fofos Encenam Leo De Leo produções artísticas
	Duração: 55 min. Classificação: 18 anos

62) 2006 – FERRO EM BRASA

Os Fofos encenam HOME O GRUPO PEÇAS BAÚ DA ARETHUZZA BLOG CONTATO AGENDA

Ferro em Brasa Home > Peças > Ferro em Brasa

SINOPSE

Ambientada numa aldeia portuguesa do começo do século passado, a trama envolve honra familiar, tração, diferenças sociais e a condição feminina em uma sociedade machista e conservadora.

A sídel Judith, às vésperas do seu casamento com o fidalgo Júlio, percebe que ele não a ama mais. Júlio acaba se envolvendo com a mãe de Judith. Ao flagrar a mulher ao lado do futuro genro, o marido traído decide matar o casal de maneira cruel, levando a jovem noiva à loucura.

GALERIA



Ficha Técnica

texto Antonio Sampaio	cenário Leopoldo Pacheco e Marcelo Andrade
concepção geral e encenação Fernando Neves	adereços Marcelo Andrade
adaptação Newton Moreno	iluminação Eduardo Reyes
elenco Alex Grulh, Carlos Ataíde, Carol Badra, Cita Rocha, Eduardo Reyes, Cita Montenegro, José Roberto Jardim, Kátia Daher, Marcelo Andrade, Stella Tobal, Paulo de Pontes e Zé Válor	maquiagem Leopoldo Pacheco
atores substitutos Cristo Carvalho e Elton Teófilo	design gráfico Eduardo Reyes e Práxedes Hernandez
direção musical e pianista Fernando Esteves	vídeo Márcia Lacerda
figurino Leopoldo Pacheco e Carol Badra	fotografia Lige Jardim
costuraria Davi de Castro	direção de produção Eduardo Reyes
cenário Leopoldo Pacheco e Marcelo Andrade	realização Os Fofos Encenam
	Duração: 18 min. Classificação: 14 anos

CLIQUE E ASSISTA

65) 2009/2012 – MEMÓRIA DA CANA

São Paulo, quinta-feira, 09 de julho de 2009 FOLHA DE SÃO PAULO **ilustrada**[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)**TEATRO****Crítica/teatro****Fermentação da cana vira cenário para trama rodrigueana**

Peça usa "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freyre, para fazer releitura de "Álbum de Família", de Nelson Rodrigues

LUIZ FERNANDO RAMOS
CRÍTICO DA FOLHA

O teatro tem o poder da peste, mas pode também ser o princípio da cura. Com "Memória da Cana", Os Fofos querem purgar um abscesso de séculos, gerado nos engenhos de açúcar do Nordeste brasileiro. Empresta as lentes de Gilberto Freyre, em "Casa-Grande e Senzala", para ler "Álbum de Família", de Nelson Rodrigues. Em 1949, o autor definiu o teatro que estava propondo com "Álbum de Família" como desagradável e pestilento. No início dos anos 80, Antunes Filho explorou nele o seu aspecto mítico. Agora o Nelson pernambucano dos Fofos revela o texto como um retrato exacerbado do patriarcado brasileiro. A encenação de Moreno surpreende ao revelar os personagens da peça, enredados em incestos, paixões e culpas, não como aberrações de uma mente atormentada, mas como resultantes naturais de um ambiente apodrecido pela fermentação da cana. Assim, delimita o espaço cênico com quatro paredes de pés de cana e infesta o ar com o odor ácido do melaço. Tudo que, pelas rubricas da peça, ocorre fora da cena é ouvido pelas frestas dessas paredes. Na primeira parte, em que a proposta se realiza mais plenamente, a família é esmiuçada em profundidade, na medida em que telas vazadas delimitam os cômodos em que cada um dos personagens habita com seus traumas e fantasmas. Na pista de Freyre, que define seu objeto como "um passado que se estuda tocando em nervos", encenam-se os segredos indizíveis e os ressentimentos indelévels. Um corredor central com uma longa mesa demarca o espaço comum da casa-grande, onde o patriarca cometerá suas atrocidades, sob o olhar submisso de filhos, mulher e lacaios. Em um requinte de teatralidade, uma série de imagens de santos dispostas sobre a mesa, algumas maquinadas como marionetes, reverberam as tensões latentes que a trama de Nelson Rodrigues propõe. Na segunda parte, as telas são arrancadas e uma enérgica mudança cenográfica, denotando a linguagem circense dos Fofos, constrói um espaço vazado em que o elemento predominante é o chão de terra escura. As luzes dos refletores são substituídas por candeeiros e é nesse lusco-fusco sombrio que a tragédia caminhará para o clímax. O desfecho sangrento, em que todo o pus acumulado transborda, é um terreno minado aos encenadores. Moreno se safa ileso, evitando o risco de descambar para o cômico, mas perde, na opção do transe carnavalesco, a nitidez da fábula e, com ela, a força da purgação pretendida. À parte as perdas, o espetáculo faz emergir dos clichês associados a Nelson Rodrigues um novo e límpido olhar, que flagra, sem disfarces, as ásperas raízes da família brasileira.

MEMÓRIA DA CANA

Quando: sex. e sáb., às 21h; dom. e seg., às 19h; até 2/11

Onde: espaço dos Fofos (r. Adoniran Barbosa, 151, 0/xx/11/ 3101-6640)

Quanto: R\$ 16

Classificação: 16 anos

Avaliação: bom

66) 2011/2013 – TERRA DE SANTO

Os Fofos encenam

HOME O GRUPO PEÇAS BAI DA AREITUEZA BLOG CONTATO AGENDA

Terra de Santo

HOME / Peças / Terra de Santo

SINOPSE

Terra de Santo se passa em uma comunidade de cortadores de cana, que precisam desovar um lugar sagrado para ampliar o espaço de plantio da Uoina de açúcar. Mas a usina enfrentará a resistência de outras famílias moradoras da área e dos próprios cortadores. A partir daí, vários temas se desenvolvem envolvendo padres, evangélicos, recadeiras e suas crenças, fé e tradição, em uma viagem por outros séculos.

GALERIA



Histórico **Ficha Técnica**

coordenação do projeto Newton Moreno	iluminação Eduardo Reyes	preparação de técnica Tai Ito Toshiyuki Tanaka
dramaturgia Newton Moreno, em processo colaborativo com Os Fofos Encenam	operação de luz Guilherme Carattini	documentário Evelio Mourcel
direção Fernando Neves e Newton Moreno	preparação e direção musical Fernando Esteves	direção de fotografia André Chesini e Renato Ogata
assistente de direção José Roberto Jardim	oficina de voz e corpo Renata Rosa	montagem de documentário Ricardo Farias
atores-criadores Carlos Ataide, Carol Badra, Ciri Rocha, Enica Montalheiro, José Roberto Jardim, Kátia Daher, Marcelo Andrade, Paulo de Pontes, Simone Evaristo, Viviane Madu, Zé Valdir	oficina de canto judaico Beny Zishky	registro áudio-visual José Roberto Jardim
ariz standin Kafaria Peresado	oficina, preparação vocal e música original "Odoyá" Juçara Marçal	ação social em Piracicaba Ciri Rocha
direção de produção Emerson Mostacci	oficina e música original "Mistério é fortalecer" Alessandra Lado	design gráfico Eduardo Reyes
assistentes de produção Eduardo Petros (São Paulo) e Karla Matos (Recife)	consultoria de candomblé Marcelo Buffa	fotografia de cena João Caldas Po
assistente de dramaturgia Alice Nogueira e Luciana Lyra	consultoria em cultura judaica Paula Herms	consultoras Fátima Quintas e Alessandra Leão
figurino Carol Badra e Leopoldo Pacheco	cenário Marcelo Andrade, Newton Moreno e Zé Valdir	palestrantes no processo de criação - Recife George Cabral, Fátima Quintas, Renato Athias, Jacques Ribemboim, Suelly Almeida e Aline Gomes Cavalcanti
assistente de figurino Bárbara Herrera	cenotécnico e aderescista Zé Valdir e Zé da Hora	palestrantes no processo de criação - São Paulo Pedro Abel Vieira, Rodrigo Riquelme, Rodrigo Boncam, John Cowart Dawesley
costureira Zosi	equipe de montagem Carla Alcantara Tibério, Débora Santos, Luciano Alves de Santana, Menes Machado, Raphael Pontes, Ronaldo V. S. de Souza e Tiago Moro Pires	produção Os Fofos Encenam, Mostacci Produções e Cooperativa Paulista de Teatro
maquiagem Leopoldo Pacheco	preparação corporal Viviane Madu	patrocínio Petrobras - Ministério da Cultura - Governo Federal

67) 2011 – A FÁBULA DOS REINOS TRANSFORMADOS



68) 2013 – A HISTÓRIA DO AMOR DE ROMEU E JULIETA



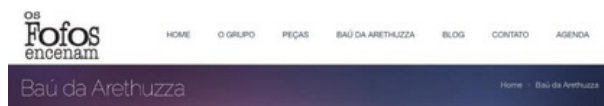
69) 2013 – ANTES DO ENTERRO DO ANÃO – BAÚ DA ARETHUZA

70) 2013 – A RÉ MISTERIOSA – BAÚ DA ARETHUZA

71) 2013 - VANCÊ NÃO VIU, MINHA FIA? – BAÚ DA ARETHUZA

72) 2013 – DAR CORDA PRA SE ENFORCAR – BAÚ DA ARETHUZA

73) 2013 – A CANÇÃO DE BERNADETE – BAÚ DA ARETHUZA



O projeto Baú da Arethuzza apresenta ao público 5 peças da dramaturgia circense.



Com apoio do Programa Municipal de Fomento ao Teatro, os Fofos se propuseram investigar a evolução da teatralidade circense (cenografia, dramaturgia e interpretação) durante o período de 1910 a 1960, a partir da realização das 5 montagens que aconteceram ao longo de 2013 – 4 textos do repertório do Circo Teatro Arethuzza e 1 pantomima criada pelos Fofos:

- **Antes do enterro do anão:** pantomima
- **Vancê não viu minha fia?**: burlesca circo
- **A ré misteriosa**: melodrama policial
- **A canção de Bernadete**: melodrama religioso
- **Dar corda para se enforcar**: chanchada

O título do projeto faz alusão ao acervo teatral do diretor Fernando Neves, descendente de família circense – O Circo Teatro Arethuzza – Neves herdou diversos textos teatrais. Levantar os espetáculos deste projeto foi uma experiência inspirada nos modos de produção do Circo Teatro Arethuzza, que ainda não haviam sido experimentados.

O projeto prevê ainda oficina aberta ao público, que compartilhou com os participantes os 10 anos de experiência do grupo sobre o universo do circo.

Os Fofos estão muito felizes em abrir este Baú. Acesse as páginas de cada espetáculo e tenha mais informações sobre eles.

Respeitável público, divirta-se!

Ficha Técnica		
direção Fernando Neves	espaço cênico Fernando Neves, Marcelo Andrade e Ze Vador	consulência artística Antonio Santoro
assistente de direção Paula Henri	equipe de montagem Eduardo Reyes, Marcelo Andrade e Ze Vador	oficina Cris Rocha, Enio Montenegro, Fernando Neves e Kátia Dagher
elenco Os Fofos Encenam Carlos Kozle, Cris Rocha, Eduardo Reyes, Enio Montenegro, Kátia Dagher, Marcelo Andrade, Paulo de Pontes, Patrícia Paribaci, Silveira Progett, Sofia Todor e Ze Vador	luminização Eduardo Reyes e Paula Henri	aula de dança Luiz Milião
atores convidados Bruno Soares, Bruno Spisanti, Jonathã Pueres, Lúcia Dantas, Lucas Melo, Paula Henri e Rodrigo Pascholes	figurino Bruno Spisanti	aula de circo - Gênesis do Circo Walter A. R. Oliveira e Celia Borges
atores colaboradores Cassio Scapin e José Roberto Jardim	assistência de figurino Bruno Soares	aula de Balé Ana Oliveira
direção musical e pianista Fernando Estreva	secretaria de imprensa Ana Paula	bilheteria Bruno Belém
direção musical (álbum) Fernanda Maia	integrante do canal Lúcia Jardim, Amanda Viana e Claudio Pepper	direção de produção Eduardo Reyes
personagem (álbum) Alberto Soares e Rafael França	designer gráfico Eduardo Reyes	jornada 21ª edição de Fomento ao Teatro Agustinho Ribeiro da Cunha, Expedito Ferreira de Araújo, Luciana Schimden, Luis Fernando Barros, Alexandre Luis Melo, Evandro Martins de Almeida e Isabela do Vale Almeida
	registro videográfico José Roberto Jardim	



Os premiados da APCA e os indicados do Shell SP

10.12.2013 | por Valmir Santos

Foto de capa: Lúcia Jardim



Tempo de listas. Saíram os premiados em 2013 pela Associação Paulista de Críticos de Arte, a APCA. A apuração aconteceu na noite de segunda-feira, na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. A lista de todas as áreas estão [aqui](#). Horas antes, à tarde, foi a vez do Prêmio Shell divulgar os indicados paulistas deste segundo semestre. Todos os correspondentes do ano no Rio e em São Paulo podem ser vistos [aqui](#).

O teatro em 2013 segundo a APCA:

Autor/dramaturgo:

Kiko Marques, por *Cais ou da indiferença das embarcações*, Velha Companhia

Ator

Cassio Scapin, por *Eu não dava praquilo*

Atriz

Débora Falabella e Yara de Novaes, por *Contrações*, Grupo 3 de Teatro

Diretor

Dagoberto Feliz, por *Folias Galileu*, Folias D'Arte

Espectáculo

Nossa cidade, direção de Antunes Filho, Grupo de Teatro Macunaíma/CPT

Prêmios Especiais

Eva Wilma, pelos 60 anos de carreira
Projeto Baú de Arethuzza, da Cia. Os Fofos Encenam

74) 2014/2015 – DOIS IDIOTAS SENTADOS CADA QUAL EM SEU BARRIL



75) 2015/2016 – HAMLET AO MOLHO PICANTE



16/08/2014 11h02 - Atualizado em 16/08/2014 11h02

Clássico de Shakespeare contado por quem estava na 'cozinha' da trama

'Hamlet ao Molho Picante' transforma a trágica trama em comédia de erros



Rosi Campos em cena de 'Hamlet ao Molho Picante', basidões do clássico (Foto: João Caldas)

Desde a virada do século XVI para o XVII, quando foi escrita por Shakespeare, a peça "Hamlet" já ganhou inúmeras versões e montagens. Poucas, no entanto, transformavam a clássica tragédia em uma divertida comédia de erros como **"Hamlet ao Molho Picante"**, que estreia neste fim de semana no Teatro Raul Cortez, em São Paulo, com Rosi Campos e Paulo de Pontes, da companhia Os Fofos Encenam, como protagonistas.

Confira datas e horários do espetáculo

Escrita pelo italiano Aldo Nicolaj no final da década de 1980, a trama gira em torno do orgulhoso Froggy (Paulo) e de sua esposa Cathy (Rosi), cozinheiros do palácio real. Eles se tornam, involuntariamente, os grandes responsáveis pela sucessão de eventos que culminam na vingança do príncipe Hamlet. Se na história original o fantasma do rei Hamlet, assassinado por seu irmão Cláudio, pede que o filho faça justiça, no espetáculo é Froggy quem se disfarça de fantasma do antigo rei para pedir a cabeça do novo monarca, que teria um caso com Cathy.



É a primeira vez que a atriz interpreta um texto de Shakespeare (Foto: João Caldas)

– A peça subverte a tragédia a partir da cozinha, mostra o que os serviçais que circulam por lá pensam dos nobres e como interferem na trama. Quem conhece a história de Shakespeare se diverte com as referências feitas a ela; quem não conhece, vai curtir os personagens apresentados de forma caricata e a ridicularização dos poderosos. O príncipe Hamlet, por exemplo, se transforma em um romântico deprimido e atormentado pela dúvida entre comer ou não doces – detalha o diretor

Dagoberto Feliz.

O texto de Nicolaj foi indicado por uma amiga a Rosi, que se encantou com o que considerou uma comédia "maluca e engraçada". A atriz divide o palco com o filho Pedro Brandi, que interpreta o príncipe Hamlet.

– Já havia dividido o palco com ele interpretando a Morgana (bruxa da série infantil "Castelo Rá-Tim-Bum"), mas esse é o primeiro espetáculo adulto que fazemos juntos. E, claro, tem sido um enorme prazer – diz ela, que nunca encenou uma peça de Shakespeare.

78) 2018/2019 – PROSCENIUM!

VIVER
DIÁRIO DE PERNAMBUCO Recife, terça-feira, 22/01/2019
Editores: Rodolfo Bourbon e Gabriel Trigueiro

TEATRO, JOGO, MAGIA E INTERAÇÃO

Histórias dos 168 anos do Teatro de Santa Isabel serão contadas hoje numa visita lúdica, performática e gratuita no projeto Proscenium!

Atração envolve a plateia e 15 personagens e está dentro da programação do 25º Janeiro de Grandes Espetáculos

A história do longo Teatro de Santa Isabel, com 168 anos de existência, será apresentada gratuitamente hoje, dentro da programação do 25º Janeiro de Grandes Espetáculos, uma espécie de "teatro-jogo mágico". Dividido em duas sessões, às 15h e às 18h, remonta a história do equipamento cultural em uma visita lúdica guiada pelo elenco. O público é con-

agendamento prévio enviando um e-mail para teatrodesanta.isabel.educativo@gmail.com.

"É uma experiência sensorial e dramatizada com base em jogos de RPG. Eles podem explorar cômodos que normalmente não se tem acesso, como os camarins e o porão", explica o diretor-geral Célio Pontes. A experiência teatro-jogo envolve cerca de 15 personagens, que vão da atriz ao pipocueiro da frente do tea-

da bilheteria. "É um projeto transdisciplinar enquanto projeto de arte-educação, mas é também um belo espetáculo, porque ele convide o público a não só assistir, como comumente se assiste a espetáculos performáticos de artes cênicas, mas também a interagir, participar e atuar também na condução da narrativa da história."

O espetáculo Proscenium! foi criado dentro do Teatrando!, projeto de arte-educação pa-

va de apresentações começa logo após o carnaval e vai até junho, com algumas modificações de aprimoramento da experiência, como novos figurinos e cenários. O elenco é formado pelos atores Alexandre Sampaio, Bruna Luiza Barros, Douglas Duan, Ellis Regina, Kadyja Erlen, Luciana Lenos, Paulo de Pontes e Rafael Dyon. A direção musical é de André Freitas e o enredo é assinado por Analice Crocchia, Quiricles Santana e Célio

lidade faz com que os fantasmas procurem soluções e administrem recursos para que acabe com esse afastamento. "Os grupos, formados pelo público, se encontram com os personagens, exercitam a capacidade de argumentação, experimentam atividades artísticas e conhecem um pouco da história do Teatro de Santa Isabel", explica Célio.

SERVIÇO

CS Digitalizado com CamScanner

79) 2018/2019/2022 – A PAIXÃO DE CRISTO DE NOVA JERUSALÉM

NOVA JERUSALÉM - PERNAMBUCO - BRASIL

MARÇO 2019 - EDIÇÃO 22 - VENDEDORA: MARILYN DA SILVA OLIVEIRA

REVISTA DA
Paixão de Cristo
DESDE 1968

DE 13 A 20 DE ABRIL - 2019
EMOÇÃO A CADA ESPETÁCULO

ELENCO DA PAIXÃO DE CRISTO 2019 (POR ORDEM DE APARICAO EM CENA)	
<p>Os Profetas Moisés e Elias: JÚLIO ROCHA e PAULO DE PONTES</p> <p>Jesus: JULIANO CAZARRE</p> <p>Os Demônios do Deserto: ALBERTO BRIGADEIRO, LENO D'OLINDA, ORUN SANTANA, PAULO GRANJEIRO, PASCOAL FILIZOLA, RAFAEL FX, VICTOR MARINHO e WAGNER SALES</p> <p>Pedro: JÚLIO ROCHA</p> <p>André: GILBERTO TRINDADE</p> <p>Thiago Menor: THIAGO GONDIM</p> <p>João: BRUNO LOPES</p> <p>Felipe: RONALDO GOMES</p> <p>Bartholomeu: THIAGO AMBRIEL</p> <p>Tomás: EDILSON LEITE</p> <p>Mateus: SEVERINO FLORENCIO</p> <p>Thiago Menor: GIOVANNI FERREIRA</p> <p>Tadeu: SÉRGIO BRAZ</p> <p>Simão: JOSÉ MAGDO</p> <p>Judas: JOSÉ BARBOSA</p> <p>O Homem: EDUARDO FILHO</p> <p>Os Cegos: JOÃO FERREIRA e VICENTE MONTEIRO</p> <p>A Mulher: JULIANA AZEVEDO</p> <p>O Emissário de João Batista: SEBASTIÃO ALVES</p> <p>Os Vendedores do Templo: JOÃO FERREIRA, PASCOAL FILIZOLA e WAGNER SALES</p> <p>O Templo: EDUARDO FILHO</p> <p>O Fante: PAULO DE PONTES</p> <p>O Príncipe: EDNALDO LUCENA</p> <p>Carlos: RICARDO HOURA</p> <p>Ana: EDUARDO JAPASSU</p> <p>João de Arimatéia: VICENTE MONTEIRO</p> <p>Nicodemos: ALEXANDRE SAMPAIO</p> <p>A Adúltera: MARINA PACHECO</p> <p>O Escrivão: ANDRÉ LOHARDI</p> <p>Os Fariseus e os Saduceus: PASCOAL FILIZOLA e LUCAS NEVES</p> <p>Os Principes e os Fariseus: CARLOS PINTO e LUCAS NEVES</p> <p>Os Anjos: GEDERSON TENÓRIO, JOÃO FERREIRA e SEBASTIÃO ALVES</p> <p>O Demônio do Mar: PASCOAL FILIZOLA</p> <p>Os Escravos de Herodes: ALBERTO BRIGADEIRO, GIOVANNI FERREIRA, PAULO GRANJEIRO e THIAGO ALISON</p> <p>As Escravas de Herodes: ANA PAULA SANTANA, ALINE PAES e LÉYLA KARLA</p> <p>Os Moisés de Corde: JOÃO FERREIRA, SEBASTIÃO ALVES, JOSESON VICTOR, JOSÉ EVERALDO, JOSÉ MAGDO e RONALDO GOMES</p> <p>O Romano: CARLOS PINTO</p> <p>Herodes: RICARDO TOZZI</p> <p>Herodias: RAFAELA CAVALHO</p> <p>As Dançarinas do Baile Alto: CINTHYA SANTOS, HANNAH MARY, ISABELLE SAMPAIO, JESSICA SILVA e LUZI SANTOS</p> <p>Os Dançarinos do Baile Alto: ORUN SANTANA, LENO D'OLINDA, RAFAEL FX e VICTOR MARINHO</p> <p>A Governanta: ROSEANE TACHITSKY</p> <p>As Donas da Corte de Herodes: ANNY RAFAELA</p>	<p>PERIL: CLÁUDIA SOARES, CLÉCIA LIMA, EDUARDA BEZERRA, ELISANGELA SANTOS, FERNANDA SPINDOLA, HIRANNY TEIXEIRA, JULIANA AZEVEDO, KARLA MARTINI, LAURA NEUENSCHWANDER, TAINA PUENTES, NAILO NÍLO, RAFFYLA MELO e RENATA PHAELANTE</p> <p>Os Condições de Herodes: ALEXANDRE SAMPAIO, ANDRÉ LOHARDI, EDILSON LEITE, GILBERTO TRINDADE, LUCAS NEVES, PASCOAL FILIZOLA, THIAGO AMBRIEL, THIAGO GONDIM, VICENTE MONTEIRO e WAGNER SALES</p> <p>Os Condições: ALBERTO BRIGADEIRO e GILBERTO TRINDADE</p> <p>Os Trombeteiros Romanos: GIOVANNI FERREIRA, PASCOAL FILIZOLA, RONALDO GOMES e THIAGO GONDIM</p> <p>Os Cavaleiros Romanos: JOSÉ RONALDO, LUZ ALEXANDRE, PEDRO SILVA, RAFAEL BRAZ e RENÉ RODRIGUES</p> <p>O Tribunal da Alta Roma: ERALDO LUZ FRANÇA</p> <p>Platão: GABRIEL BRAGA NUNES</p> <p>O Escrivão de Platão: HARLEY AUGUSTO</p> <p>Os Executores de Jesus: JÚLIO ROCHA e WAGNER SALES</p> <p>Bomale: SÉRGIO BRAZ</p> <p>O Hômi Ladrão: THIAGO AMBRIEL</p> <p>O Bom Ladrão: EDILSON LEITE</p> <p>Maria: PRISCILA FANTIN</p> <p>Mariam: NINIVE CALDAS</p> <p>As Mulheres das Lamentações: ANA PAULA SANTANA, ANNY RAFAELA FERIL, CINTHYA SANTOS, CLÁUDIA SOARES, FERNANDA SPINDOLA, HANNAH MARY, ISABELLE SAMPAIO, JESSICA SILVA, JULIANA AZEVEDO, KARLA MARTINI, LAURA NEUENSCHWANDER, LUZI SANTOS, RAFFYLA MELO e RENATA PHAELANTE</p> <p>Simão: THIAGO GONDIM</p> <p>Os Transfuges: ALEXANDRE SAMPAIO, ANA PAULA SANTANA, ANDRÉ LOHARDI, ANNY RAFAELA FERIL, FERNANDA SPINDOLA, JOÃO FERREIRA, JOÃO VICTOR, JULIANA AZEVEDO, KARLA MARTINI, LAURA NEUENSCHWANDER, PAVYLA MELO, SEBASTIÃO ALVES, SEVERINO FLORENCIO e VICENTE MONTEIRO</p> <p>Os Servos de Arimatéia: ALBERTO BRIGADEIRO, EDUARDO FILHO, GIOVANNI FERREIRA, LUCAS NEVES, LENO D'OLINDA, ORUN SANTANA, PAULO GRANJEIRO, RAFAEL FX, RONALDO GOMES, SÉRGIO BRAZ e VICTOR MARINHO</p> <p>Os Quilões do Tumbão: PASCOAL FILIZOLA e WAGNER SALES</p> <p>Maria Salomé: RENATA PHAELANTE</p> <p>Maria de Cleofas: ROSEANE TACHITSKY</p> <p>Os Anjos: THIAGO GONDIM</p> <p>FIGURANTES - PESSOAS DO POVO DE FAZENDA NOVA E ARREDORES.</p>

80) 2018/2019/2023/2024 – BAILE DO MENINO DEUS (Recife/PE)

g1

PERNAMBUCO

Baile do Menino Deus encanta público ao unir figuras folclóricas, teatro e música em 'brincadeira de Natal'

Espectáculo encenado no Marco Zero do Recife mostra a busca por abrir a porta da casa onde estão José, Maria e o recém-nascido Jesus, para celebrar a vida em clima de festa.

Por G1 PE

23/12/2019 21h43 · Atualizado há 4 anos

Mais do que um auto natalino, a peça propõe uma reflexão reflexões sobre respeito, humanidade e igualdade entre os povos. A novidade deste ano foi a presença do grupo Bongar, de Olinda.



O espetáculo é dirigido por Ronaldo Correia de Brito e produzido por Carla Valença. Os personagens principais são interpretados por Sóstenes Vidal, Arilson Lopes, Paulo de Pontes e Daniel Barros. O cantor Silvério Pessoa também participa.

O espetáculo foi totalmente ao vivo, incluindo as canções, interpretadas por corais e executadas ao vivo pela orquestra. As canções trazem elementos das brincadeiras populares e

Inúmeras pessoas foram ao Marco Zero do Recife, nesta segunda-feira (23), para assistir a estreia do Baile do Menino Deus, que une teatro, música e figuras folclóricas para falar do menino Jesus. Esse é o 36º do auto natalino, sendo o 16º no mesmo local. As encenações vão até quarta-feira (25), sempre às 20h (veja vídeo acima).

FOTOS: veja imagens do espetáculo

O casal de professores Tatiane Almeida e Filipe Xavier costuma reproduzir o Baile do Menino Deus na comunidade onde mora, em Águas Compridas, em Olinda. Para ela, entretanto, foi a primeira vez no espetáculo original. Para ele, é a quinta ida ao Marco Zero para acompanhar a peça.

"É incrível, porque conta a história do menino Jesus de uma forma cultural, alegre e dinâmica. Todas as culturas se misturam aqui", afirmou Filipe.



A história do nascimento do menino Jesus é narrada pela dupla de Mateus, figuras folclóricas que buscam abrir as portas da casa onde estão Jesus e Maria com o menino Jesus para fazer uma grande festa. Entre as figuras clássicas da cultura nordestina presentes no espetáculo estão Burrinha Zabilin, o Jaraguá e o Boi.

Para a estudante Rosana Leite, o Baile do Menino Deus é uma tradição anual. Neste ano, ela levou o neto, Antônio, de 3 anos. "Eu amo tudo. A dança, a coreografia, a presença da cultura afro. É um espetáculo muito bonito.



Baile do Menino Deus mistura diferentes elementos culturais na busca do menino Jesus — Foto: Marlon Costa/Pernambuco Press

O espetáculo é dirigido por Ronaldo Correia de Brito e produzido por Carla Valença. Os personagens principais são interpretados por Sóstenes Vidal, Arilson Lopes, Paulo de Pontes e Daniel Barros. O cantor Silvério Pessoa também participa.

O espetáculo foi totalmente ao vivo, incluindo as canções, interpretadas por corais e executadas ao vivo pela orquestra. As canções trazem elementos das brincadeiras populares e da musicalidade nordestina, a exemplo do frevo, maracatu, caboclinho e a ciranda.



A burrinha é uma das figuras icônicas do Baile do Menino Deus, encenado nesta segunda-feira (23), no Recife — Foto: Marlon Costa/Pernambuco Press



81) 2019 – MUITO TEMPO COM VOCÊ (Recife/PE)



Márcio Bastos

Publicado em 24/10/2019 às 18:56



HUMOR ÁCIDO

Peça 'Muito Tempo Com Você' estreia na Casa Maravilhas

Com texto de João Luiz Vieira e direção de Eric Valença, a peça *Muito Tempo Com Você* estreia temporada sexta (25), às 20h, na Casa Maravilhas, na Boa Vista. A montagem se desenvolve a partir de uma dramaturgia que mescla humor ácido a um clima de mistério e reúne em cena Márcia Cruz, Paulo de Pontes e Tatiana Azevedo.

Na peça, um casal de idosos, interpretado por Márcia e Paulo, está desiludido pelas circunstâncias da vida: abandonados pelos amigos e com dificuldades financeiras (ele não consegue se aposentar), eles têm uma rotina massacrante. Um dia, enquanto preparam um jantar e relembram a juventude, recebem a visita de uma jovem misteriosa e, a partir daí, o rumo de suas trajetórias é alterado.

"O texto de João Luiz Vieira é preciosíssimo. Brinco que é um parque de diversões para os atores – e em cena temos três grandes intérpretes – porque é cheio de nuances e possibilidades. É uma comédia inteligente, com tiradas ácidas e um desdobramento surpreendente", afirma Eric Valença.

Para o diretor, que dirige pela primeira vez uma dramaturgia que não é de sua autoria, o trabalho tem ainda o mérito de levantar questões importantes, como a solidão e as dificuldades recorrentes na velhice, como as financeiras, que, ao seu ver, diante do panorama político, tendem a ficar piores daqui para a frente.

INTIMISTA E CINEMATOGRAFICO

Montado no espaço intimista da Casa Maravilhas – equipamento cultural independente onde se desenvolvem ações de formação, fruição e criação em teatro, circo e literatura – o espetáculo propõe uma aproximação do público com os atores. Eric reforça que essa configuração cria uma perspectiva quase cinematográfica, reforçada pelas marcações de cena.

"Sou formado em cinema, então meu olhar tem esse recorte, mesmo construindo para o teatro. Tive uma liberdade muito grande para criar este trabalho. A única coisa que João me pediu foi que não caísse na caricatura e me apeguei a isso. Devido à estrutura da Casa Maravilhas, que é um espaço alternativo, criamos uma situação em que o espectador é praticamente imerso na cena, com tudo acontecendo muito próximo a ele. É como se os espectadores fossem espécies de câmeras, cada um com um ângulo e recorte distinto", reforça Eric.



Márcia Cruz, Paulo de Pontes e Tatiana Azevedo compõem o elenco **Foto: Rogério Alves/Divulgação**

82) 2020 – INFLAMÁVEL (Recife/PE) – TEATRO VIRTUAL



Menu

Paulo de Pontes flangeja em experimento cênico

Crítica do Inflamável

Postado em 21 de março de 2021 por Ivana Moura.



O ator Paulo de Pontes, no camarim improvisado na sua casa. Foto: captação de tela

* A ação Satisfeita, Yolanda? no Reside Lab - Plataforma PE tem apoio do Sesc Pernambuco



"Como se faz com o nervosismo?", pergunta o ator Paulo de Pontes, de cara lavada, enquanto aguarda o público para a sessão virtual no Festival Reside Lab - Plataforma PE, de *Inflamável*, um experimento cênico, com poemas de Alexandre Souto Maior e direção de Quêries Santana. "Estou sentindo o mesmo frio-lua na barriga que sinto no teatro, a mesma ansiedade, é incrível".

Dá o primeiro sinal!

"Uma loucura que está o mundo!", exclama. "Mas continuamos resistindo, experimentando, provando que a gente está vivo".

No camarim improvisado em sua casa, Paulinho resalta suas crenças. "O que é mais importante é a vida. É o amor. A gente perdeu muita gente, família, amigos, colegas, conhecidos".

Começa a se trocar.

"Tem muita gente resistindo, experimentando, continuando a fazer arte. Precisamos valorizar essas iniciativas. Eu parabendo (tão também) Paula de Renor (diretora geral e curadora do Reside Festival BR - edição especial Reside Lab Plataforma PE)".

Coloca a lente de contato. Anuncia os patrocinadores. E oferece a experiência às pessoas que partiram por complicações da Covid-19. Fala que precisamos aprender com essa pandemia a compreender a voz do outro, "Viva a vida! É viva o teatro!"



Inflamável junta três poemas de Alexandre Souto Maior. Foto: Captação de tela

Estamos enclausurados. Estamos enclausurados. Estamos enclausurados reverbera esse experimento cênico, onde a luz é pouca, o espaço é ínfimo e o efeito de claustrofobia nos atinge. Convivemos com o insuportável testemunho de perdas de milhões de vidas e no Brasil essa sensação é agravada pela mão genocida que ocupa o mais alto cargo do Executivo.

A Sonata para Piano nº14 em Dó sustenido menor, Op. 27, nº 2, de Ludwig van Beethoven, - mais conhecida como Moonlight Sonata (Mondscheinsonate em alemão), a Sonata ao Luar, que ostenta características introspectivas, quase de uma marcha fúnebre, - dá o tom grave na peça logo no início.

Os três poemas escolhidos, do livro *Inflamável*, de Alexandre Souto Maior, lançado em 2019, elaboram profundas conexões com o mundo contemporâneo, como também conectam nossas feridas, do patriarcado, da exploração, da colonização.

O *Homem do Pau Brasil*, A Margem e Descolonizado transgem a dramaturgia que acessa o passado e tensiona o presente. "Eyes Homens que não são de folhas / que não são do pau-brasil / Gritam palavras de ordem / Ao som de colares e fúria na mão / Quem mesmo me planeja enterrar", Plantar no original do poema, enterrar na peça.

A Margem propõe um diálogo com um ausente que reivindica ser "... a palavra enlameada / De detritos / Da casa grande" e "o porão de um navio / Cheio de gritos e gemidos". Essas lamentações são entrecortadas por frases do Negro brasileiro, que alardeou: "Não sou covão", "É muito mimimi", "Eu prefiro filho morto..."; "Vocês reclamam demais".

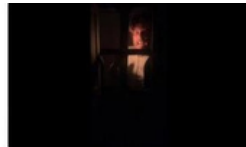
A presença incendiada de Paulo Pontes oscila entre a saudade e a revolta com descolonizado. Cochicha com dogma "Carto o que me susurra um gansumbi / O que me conta uma caboda / O que me confessa um rouquinol", para insurgir feroz "Quando pisar nesta terra / Peça licença...".

A presença inenunciável de Paulo de Pontes oscila entre a sua-vidade e a revolta com Descartes. Cochinha com digres-
são: "Canta o que me sussurra um gualumbi / O que me
conta uma cabocla / O que me confessa um rouxinol",
para insinuar: "Quando pisar nesta terra / Peça licença."

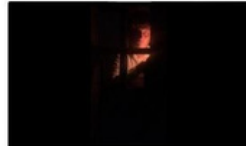
Imagens projetam um Recife, cidade tão bela cortada por
rios, mas que sangra. Seus artistas inquietos fazem o me-
lhor para honrar a tradição aguerrida dessas terras. Enca-
ram ainda a incompreensão política do papel da arte e da
cultura no contexto de uma cidade, de um estado, de um
país.

E, neste março, em que fez três anos do assassinato da
vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson
Gomes, a pergunta ecoa na peça. Quem mandou matar
Marielle e por quê? Só poderemos pensar que a justiça
está atuando como justiça quando essas respostas forem
respondidas. O Brasil insurgente das periferias, que des-
afia o "apartheid racial não oficial" e que enfrenta de peito
aberto o patriarado, exige respostas.

Por que matar uma vereadora eleita em exercício do
mandato foi um anúncio de que esse país ficou mais co-
rdeado ao se tornar mais conveniente com genocídios de ne-
gros, de indígenas, de mulheres. Por que um pouco do
Brasil morreu em 17 de abril de 2016 com a abertura do
impedimento de Dilma Rousseff, mais um pouco em 14
de março de 2018 com o assassinato de Marielle e Ander-
son, e mais um pouco com a administração do idio de
Bolsonero, que vem provocando uma tragédia sem prece-
dentes. É muito eloquente o silêncio sobre quem ordenou
o crime e por quais razões.



A direção da peça é assinada por Quiercles Santana



Inflamável

Paulo de Pontes é um ator militante. Desde que voltou ao
Recife para fazer um trabalho pontual – isso já faz três
anos – foi ficando e atuou em uma dezena de espetáculos
– com grandes elencos, em dupla, em solo. Se envolveu
com a política cultural da cidade do Recife e de Pernam-
buco, nas lutas com outros artistas e agentes culturais,
desde a campanha pelo Teatro do Parque a articulações
por editais e outras frentes. Um trabalho nem sempre vi-
sível.

Como ator, ele é intenso e totalmente entregue, daqueles
artistas apaixonados e apaixonantes. Quando ocorre uma
sinergia entre atuação, encenação e dramaturgia é um
prazer vê-lo em cena; quando não, reconhecemos o seu
esforço.

O experimento cênico junta muitos talentos, com a dire-
ção do sempre criativo Quiercles Santana, um dos ence-
nadores mais febris de Pernambuco. O resultado causa
uma suspensão reflexiva desse lugar em que pulsam vida
e morte. Pelos discursos nômades, somos convocados a
percorrer as entranhas do país com suas dores enraiz-
adas nas injustiças sociais.

Feito com uma única câmera de celular, um projetor de
imagens, uma janela antiga como cenário, um técnico
para modular luz e som, e um ator altamente inspirado,
que movendo-se em um exíguo espaço flameja em arte.

Inflamável é um breve poema de resistência. Ao expor os
aspectos sombrios desses tempos em situação-limite, de
abandono, do mundo paralisado por uma pandemia, atin-
gido pela crise financeira e do Brasil em alta-tensão pro-
vocada pelos desmandos da política, a peça aponta para a
carga de resistência, para a potência de combate. Não à
toa a palavra **adicones** fecha a transmissão. Temos cons-
ciência, temos força e temos esperança de que esse jogo
vai mudar.

Ficha Técnica:

Autor: Alessandro Souto Maior

Diretor: Quiercles Santana

Atuação e produção geral: Paulo de Pontes

Direção de arte: Célio Pontes

Técnico de som, luz e vídeo: Fernando Calábria

Produção executiva: Mária Cruz

Realização: Pontes Culturais



83) 2020 – 72 DIAS (Recife/PE) – TEATRO VIRTUAL

As duras linhas do diário de um ator na pandemia Crítica de 72 dias

Postado em 30 de março de 2021 por Pallyanna Diniz.



Paulo de Pontes registra cotidiano de um artista em isolamento em 72 dias. Foto: Keity Carvalho

* A Ação Satisfeita, Yolanda? no Reside Lab – Plataforma ma PE tem apoio do Sesc Pernambuco



A matéria da Folha de
S. Paulo, publicada nes-
te domingo, 28 de mar-
ço de 2021, registra: "O
Brasil voltou a bater
recorde na média mó-
vel de mortes por Covid
neste domingo: 2.598. É o maior número desde o início da
pandemia e um crescimento de 42% se comparado com a
última semana, o que indica tendência de alta nos óbitos
pela doença (...)"

Nós não esperávamos tamanha tragédia. Nenhum pesa-
dello poderia ter previsto essa realidade. Para uma pessoa
comum, não os estudiosos ou os infectologistas, ou gente
da área, isso nunca passaria pela cabeça, que estaríamos
vivendo uma pandemia nessas dimensões. E, mais ainda,
que duraria tanto tempo.

Em março do ano passado, quando do dia para a noite
tudo fechou e pairava uma sensação de incerteza e de in-
segurança diante de um risco que não conhecíamos, fize-
mos projeções. Boa parte delas a partir da gravidade da
situação que acompanhávamos pela televisão na Europa
e na Ásia. Mesmo assim, irreais. No solo 72 dias, exibido
na programação do Reside Lab – Plataforma PE, o ator
Paulo de Pontes conta que imaginou que o isolamento
social duraria 15 dias. Um ano depois, o achapante sal-
do de mais de 300 mil mortos no Brasil, ilusões desfeitas,
cenário devastador de guerra. No experimento, como diz
o título, foram 72 dias.

O solo se estrutura como um diário de criação gravado
por um ator durante este período pandêmico. Na conver-
sa com um amigo do outro lado da tela, ele insiste que
não precisa de companhia, que ficaria bem sozinho nas
duas semanas que durariam aquela situação mais grave.
Como muitos de nós privilegiados, nos agarramos às pos-
sibilidades de encontrar coisas boas no meio de tudo
aquilo: seria uma chance de parar um pouco, descansar,
dedicar-se a atividades que não tínhamos tempo no coti-
diano. Finalmente fazer yoga. Levanta a mão quem se
identifica! No caso do personagem, montar um espetácu-
lo solo depois de tantos anos de carreira, de ter se empen-
hado sem intervalos aos projetos de outras pessoas. A
metalinguagem se coloca como recurso de maneira muito
fluida, quase intuitiva. Somos nós, os espectadores, que
estamos ali, aceitando o convite para acompanhar a peça
sendo criada em **72 dias**, momentos de **72 dias** por com-

fluida, quase intuitiva. Somos nós, os espectadores, que
estamos ali, aceitando o convite para acompanhar a peça
sendo criada em tempo real, quando o pedido por com-
panhia beira o desespero.

O material dramaturgicamente se apoia praticamente por com-
pleto no real e no autobiográfico. Paulo de Pontes é um
ator com uma carreira longa e profícua, com muitos
personagens e projetos em seu repertório. De fato, quan-
do começou a pandemia, ele estava morando no teatro, o
espaço da Casa Maravilhas, que serviu como cenário para
a gravação. A dramaturgia foi criada em parceria com Qui-
ercles Santana, que também assina a direção. Virou um
mergulho nos sentimentos e nas emoções cotidianas que
foram se modificando ao longo dos dias arrastados do
isolamento. Veio o cansaço, a solidão, o medo, a exaustão.

Diante do acirramento da crise, com o material da vida
real pulsando, também surge a preocupação com a situa-
ção dos artistas, a necessidade batendo à porta, a sobre-
vivência que se instaura como pressão diariamente. A
campanha de demonização dos artistas como uma políti-
ca que vem sendo colocada em prática há alguns anos,
mas que agora sobe alguns degraus, fazendo jus e coro à
necropolítica implantada por este desgoverno, enfrentada
por gente como Paulinho. Gente como os artistas que
participaram do Reside. Que continuam se articulando,
criando, conversando, resistindo, questionando "Quem
mandou matar Marielle Franco?", cansando, mas levan-

mandou matar Marielle Franco?", cansando, mas levan-
tando a cabeça no momento seguinte. E não por romanti-
zação, ato de bravura ou qualquer coisa que o valha, mas
porque não há outra possibilidade. Porque o teatro é a
vocalização, faz falta ao corpo, ao espírito.



Experimento utiliza material biográfico. Foto: Keity Carvalho

O experimento é cru em sua natureza dramaturgicamente. Es-
cancar o cotidiano de muitos artistas durante a pande-
mia, que provavelmente passaram por situações seme-
lhantes. Mas essa dureza também nos afasta em certa
medida, porque é uma realidade que já nos é muito próxi-
ma, que está em nossas próprias casas. Criado no calor
do momento, o experimento ainda carrega uma carência
de elaboração poética, talvez semântica, talvez em sua
capacidade de abstração. Faz falta transcender o coti-
diano ou ser capaz de promover conexões que não se ate-
nham só aos fatos mais óbvios, mas se desprendam, pos-
sam ir além.

Neste jogo, Paulo de Pontes é um ator com estofo, que
agrega a nossa atenção em 72 dias sem nos permitir dis-
pensar. As precariedades nessa experimentação da lin-
guagem do audiovisual, no isolamento imposto por uma
pandemia, são incorporadas à dimensão processual do

pandemia, são incorporadas à dimensão processual do
trabalho e fazem sentido, inclusive na condução da dra-
maturgia. Afinal, trata-se de um ator que está se virando
sozinho, como a grande maioria, para continuar criando,
para não perder os laços com alguma dimensão de reali-
dade. Para não perder a oportunidade da dimensão da
cura que o teatro nos proporciona a cada novo mergulho.
Em 72 dias, o teatro pulsa como necessidade, como lin-
guagem que corre nas veias, que escorre pela câmera.
Corte seco e direto.

Ficha técnica:

Dramaturgia: Paulo de Pontes e Quiercles Santana

Diretor: Quiercles Santana

Atuação e produção geral: Paulo de Pontes

Direção de arte: Célio Pontes

Músicas: Sonic Júnior

Técnico de som, luz e vídeo: Fernando Calábria

Streamer: Márcio Fecher

Produção executiva: Mária Cruz

Fotos: Keity Carvalho

Realização: Pontes Culturais e Cia Maravilhas de Teatro

84) 2021 - SUEÑO (São Paulo/SP, Recife/PE, Cali e Bogotá/Colômbia),

Palco Paulistano

Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

(Mover para...)

sexta-feira, 26 de novembro de 2021

SUEÑO



Foto João Caldas

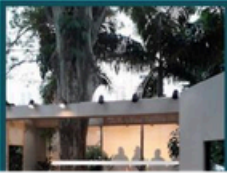
Existem obras que já nascem clássicas. Escrevi essa frase ao assistir a *Cais ou Da Indiferença das Embarcações* de Kiko Marques em 2012 e não tenho a menor dúvida de repeti-la para este *Sueño* de Newton Moreno.

Moreno é autor muito presente nos palcos paulistanos desde o início do século quando estreou *Deus Sabia de Tudo...* em 2001. A partir daí foram mais de 20 textos encenados, entre eles obras significativas como *Agreste* (2004), *Assombrações do Recife Velho* (2005), *Jacinta* (2013), *Um Berço de Pedra* (2016) e *As Cangaceiras* (2019), mas nada se compara a *Sueño* que para mim é uma obra prima.

Moreno é autor muito presente nos palcos paulistanos desde o início do século quando estreou *Deus Sabia de Tudo...* em 2001. A partir daí foram mais de 20 textos encenados, entre eles obras significativas como *Agreste* (2004), *Assombrações do Recife Velho* (2005), *Jacinta* (2013), *Um Berço de Pedra* (2016) e *As Cangaceiras* (2019), mas nada se compara a *Sueño* que para mim é uma obra prima.

Harmonizar Shakespeare e sua peça *Sonhos de Uma Noite de Verão* com as ditaduras latino americanas do último quarto do século 20 para retratar o Brasil de 2021 não é para qualquer um! Esse grande mérito não é o único: a forma como o encenador Moreno se utilizou para mostrar o conteúdo da peça do dramaturgo Moreno é também, no mínimo, deslumbrante.

A peça é dividida em dois atos.

O primeiro ato inicia com uma cena digna de qualquer antologia que se faça sobre dramaturgia que é o diálogo entre um hilário Shakespeare (Paulo de Pontes) com Vine, um encenador chileno (José Roberto Jardim) no ano da queda de Allende e início da sangrenta ditadura chilena (1973). A partir daí mesclam-se cenas da peça de Shakespeare com o drama do casal revolucionário Laura (Michele Boesche) e Vine que tem que abandonar o Chile de Pinochet. A mãe de Laura (Denise Weinberg) e um representante dos torturadores (Leopoldo Pacheco) são figuras importantes desta parte da trama. Como não poderia deixar de ser, Puck está presente em vários momentos, na interpretação deliciosa de Simone Evaristo.

O segundo ato se passa vinte anos depois em 1993 quando Vine/Lisandro retorna ao Chile em busca de sua Laura/Hérnia. Aqui o tratamento é de melodrama com um desfecho que remete ao destino inexorável presente nas tragédias gregas e o autor/encenador o faz de modo brilhante, sem jamais resvalar para a pieguice e, mais importante, mantendo acesa a chama da reflexão no espectador sobre a situação socio política do Brasil atual.

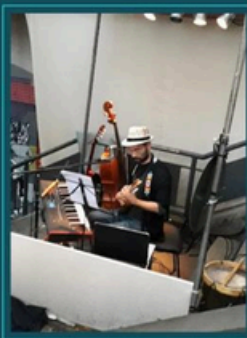
Como não se emocionar até as lágrimas com o diálogo entre Vine e o velho ator que foi preso e torturado durante o regime militar? O público comunga com o elenco de um minuto de silêncio em homenagem a tantos mortos e desaparecidos em governos opressores. Estamos ali unidos lembrando dos mortos não só nas masmorras da ditadura, mas também daqueles que foram vitimados pela covid 19 por negligência desse vergonhoso desgoverno brasileiro.

A peça só podia terminar como começou: o encontro de Shakespeare com o agora envelhecido e desiludido encenador. Aos poucos a música cessa e as luzes vão se apagando.

O resto é silêncio!

Ao escrever estas linhas eu volto a me emocionar com a pujança e a beleza desse espetáculo.

Literalmente deslumbrado com este magnífico trabalho, por obra e graça de Dionísio eu o assisti duas vezes em dois dias seguidos e na segunda noite pude apreciar de perto a performance de Gregory Slivar. Ele pontua todo o espetáculo com sons, ruídos e músicas, muitas delas compostas pela imortal Violeta Parra (1917-1967). Admirar a performance de Slivar é um espetáculo em si.



Seriam muitos os nomes envolvidos com a encenação de *Sueño* a serem elogiados aqui, haja vista a excelência da dezena de profissionais presentes na ficha técnica; sem querer esgotar enumero alguns deles:

Em primeiríssimo lugar, o elenco! Denise Weinberg é sempre poderosa quer como Elisabeth I, quer como a tragicômica mãe de Laura, quer como a patética Titânia. Leopoldo Pacheco tem a difícil função de humanizar o asqueroso militar torturador e se incumba também de Oberon e de um funcionário de uma multinacional. Como já citado, Simone Evaristo se encarrega de Puck e também de uma felizífera guerreira das florestas. Michele Boesche interpreta duas personagens antagônicas com extrema versatilidade. José Roberto Jardim é o único do elenco que interpreta um único personagem, ou melhor, dois (Vine e Lisandro) e o faz de maneira brilhante com sua costureira elegância corporal, adquirindo neste caso ares de sofisticada coreografia. E o que dizer de Paulo de Pontes? Suas interpretações de Shakespeare, do operário minerador, de Pírramo e do velho ator são absolutamente geniais. Existe alguma premiação que contempla coletivamente o elenco? Em caso positivo, este é o principal candidato. Sem esquecer de incluir a performance sonora de Gregory Slivar que é parte fundamental da encenação.



Mais elogios para a escolha da ambientação cênica no jardim do Teatro João Caetano, sob uma árvore ancestral, testemunha, sabe Deus, de quantos alegres ou tristes acontecimentos e o toque de mestre de Chris Aizner (cenógrafo) para emoldurar esse cenário natural. Aizner também assina os sugestivos figurinos junto com Leopoldo Pacheco. À luz natural do fim da tarde soma-se aos poucos a delicada iluminação de Wagner Pinto. Não há como esquecer da importante matéria de Ricardo Cardoso contida no programa da peça que muito auxilia a compreensão das várias camadas que compõem o texto e a encenação de Newton Moreno.

Esta matéria procura transmitir todas as sensações positivas e todas as reflexões em torno da temática proposta por este fundamental espetáculo que provoca perfeito equilíbrio entre coração e mente do espectador.

São pouquíssimos lugares (pouco mais de 20) e a peça tem apenas mais sete apresentações até o fim da temporada em 05/12: domingo (28/11) e na próxima semana de terça (30/11) a domingo (05/12). PROGRAME-SE E CORRA para assistir ao mais importante e belo espetáculo de 2021. Ingressos gratuitos distribuídos uma hora antes da apresentação.

25/11/2021

85) 2022 – O MISTÉRIO DO COELHINHO PENSANTE (São Paulo/SP)

©www.pecinhaeavovozinha.com.br



O MISTÉRIO DO COELHO PENSANTE



Vi, ainda, mais uma adaptação da obra infantil de Clarice Lispector pela Cia Los Lobos Bobos, desta vez O Mistério do Coelho Pensante. O trunfo da direção artística de Marco Lima foi juntar e explorar dois experientes intérpretes, Carol Badra e Paulo de Pontes. Eles são da estirpe desses artistas completos que sabem dominar a plateia mirim com graça e talento. Foi o que fizeram, despejando sobre nós 50 minutos de uma história bem narrada, interações efusivas, mistérios plantados, canto afinado e humor calculadamente espontâneo.



86) 2022 – AQUILO DEU NISSO (São Paulo/SP)



Palco Paulistano
Pontos de vista de um espectador... Por José Cetra

(Mover para...)

quarta-feira, 12 de outubro de 2022

AQUILO DEU NISSO



O título deste "experimento cênico audiovisual" do grupo Os Fofos Encenam, que em boa hora retorna à cena paulistana, me remeteu a um espetáculo de 1977 do grupo português A Barraca dirigido por Augusto Boal que se intitulava *Ao Qu'isto Chegou!*. Este também poderia ser um bom nome para esse conjunto de performances dos componentes do grupo, costuradas com mão de mestre por Marcio Abreu que assina a direção do trabalho.

O espetáculo não mostra o "aquilo", mas deixa claro ao "nisso" que se chegou: uma realidade urbana com muitos moradores de rua, muita pobreza, muitos prédios históricos abandonados e muita sujeira onde fica clara a indignação do grupo e do diretor que parecem exclamar: "ao qu'isto chegou!".

São cerca de doze performances realizadas pelos componentes do grupo, entremeadas por declarações de cada um deles. As performances são realizadas nas ruas de São Paulo, em geral com as/os artistas vestidos com figurinos criados por Carol Badra e visagismo proporcionalmente extravagante. Como toda cena realizada na rua há curiosas intervenções dos transeuntes.

Todas performances são ótimas, mas não há como não destacar três: Kátia Daher reconstitui com pequenas maquetes os prédios do Teatro Oficina, do Teatro Brasileiro de Comédia e da antiga sede do grupo na Rua Adoniran Barbosa defendendo a ideia do parque idealizado por Zé Celso; quase como uma continuação da cena de Kátia, Paulo de Pontes faz sua performance na Rua Major Diogo defronte ao abandonado edifício do Teatro Brasileiro de Comédia, com um vestido vermelho longo Erica Montanheiro caminha à noite pelo Minhocão enviando mensagens aos mortos por meio de balões vermelhos soltos no ar.



O enxuto espetáculo dura apenas 40 minutos e tem gosto de "quero mais".

Pode ser assistido gratuitamente no Canal Youtube da Corpo Rastreado às 16h10 às 20h, com exibições extras nos dias 15 e 16 às 17h.

12/10/2022

87) 2022 – BATALHA DOS GUARARAPES, ASSIM NASCEU A PÁTRIA (Jaboatão dos Guararapes/PE)

FOLHA de PERNAMBUCO



ESPETÁCULO

Espetáculo "Batalha dos Guararapes - Assim Nasceu a Pátria" volta com quatro apresentações gratuitas

As apresentações acontecem de 12 a 15 de novembro no Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em Jaboatão dos Guararapes

Por Portal Folha de Pernambuco
11 NOV 2022 às 11h38

O elenco principal é formado por atrizes e atores do Teatro Pernambucano e as coreografias são executadas pelo Corpo de Balé do Projeto Ária Social com a participação do Grupo de Bacamarteiros do Cabo de Santo Agostinho. Todo o espetáculo contará com intérpretes de Libras. Ao todo serão oitenta e três artistas em cena, entre atores, bacamarteiros e bailarinos, além de cem figurantes.

Protagonismo feminino

A 8ª edição da "Batalha dos Guararapes - Assim Nasceu a Pátria" busca dar evidência ao papel das mulheres nos acontecimentos históricos. O público pode esperar ver em cena personagens já conhecidos como o Conde Nassau, João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Filipe Camarão e Henrique Dias, mas também as personagens que não chegaram aos livros de história.

Por Portal Folha de Pernambuco
11 NOV 2022 às 11h38



Espetáculo "Batalha dos Guararapes - Assim Nasceu a Pátria" volta ao Parque Histórico Nacional dos Guararapes - Divulgação / Métron Produções

"Tentamos resgatar a história de mulheres que foram apagadas ao longo dos anos, como Clara Camarão, esposa de Filipe Camarão, as guerreiras de Tejucupapo, entre outras mulheres, que foram usadas como escudo na batalha de Casa Forte", destaca o diretor, Ruy Aguiar.

A Batalha dos Guararapes

A Batalha dos Guararapes foi um conflito bélico que culminou na **expulsão dos invasores holandeses**. Ela é tida por historiadores como um **marco histórico da construção da identidade brasileira**, tendo em vista que uniu de um mesmo lado da disputa colonos portugueses, indígenas e negros escravizados; todos contra os holandeses.

Após dez anos, o espetáculo "Batalha dos Guararapes - Assim Nasceu a Pátria" volta ao Parque Histórico Nacional dos Guararapes, em Jaboatão dos Guararapes, para quatro apresentações gratuitas entre os dias 12 e 15 de novembro, às 20h. A peça resgata os bastidores das batalhas que expulsaram os holandeses de Pernambuco, entre 1630 e 1649.

A 8ª edição do espetáculo, realizada pela Métron Produções, tem texto e direção de Ruy Aguiar. Nesta nova versão, será abordada a saga da invasão holandesa a partir do ano de 1630, com início no domínio da Companhia das Índias até o momento mais representativo desse período, que foram as duas Batalhas dos Guararapes. O espetáculo terá 1 hora e 30 minutos de duração.

A ocupação neerlandesa dos territórios portugueses ocorreu no período da União Ibérica, após a morte de Dom Sebastião, em 1580, quando Portugal e Espanha estavam sob o poder de um mesmo monarca. Os Países Baixos, dos quais a Holanda era a principal província, também eram possessão espanhola e estavam em guerra para conseguir a independência em relação à dominação ibérica.

Serviço

Batalha dos Guararapes – Assim Nasceu a Pátria
Texto e direção geral: Ruy Aguiar
Dias: 12, 13, 14 e 15 de novembro de 2022
Horário: 20h
Local: Parque Histórico Nacional dos Guararapes (Terreno da Festa da Pitomba)
Acesso: Gratuito
Classificação etária: Livre
Espetáculo com acessibilidade em Libras

89) 2023 – AS CONCHAMBRANÇAS DE QUADERNA, O CASOO DO COLETOR ASSASSINADO (São Paulo/SP)



90) 2023 – O BEM AMADO MUSICADO (São Paulo/SP)



91) 2023 – AS TRÊS PORQUINHAS E O LOBO BLAU (Recife/PE)



92) 2024 – O NINHO, UM RECADO DA RAÍZ (São Paulo/SP)



NA PLATEIA

Indicações do que assistir no teatro (musicais, comédia, dança, etc.)

Cultura & Lazer

Espectáculo investiga origens familiares com trilha sonora de Zeca Baleiro

'O Ninho um Recado da Raiz' está em cartaz no Sesc Bom Retiro

Por Laura Pereira Lima
29 mar 2024, 06h00



O **Ninho, um Recado da Raiz**, em cartaz no **Sesc Bom Retiro**, narra a jornada de um jovem (interpretado por **Jorge de Paula**) que busca conhecer suas origens e o passado de sua família. Com direção e texto de **Newton Moreno** e trilha sonora original de **Zeca Baleiro** e **André Bedurê**, a peça aborda intolerância e ódio no carnaval pernambucano. A partir da busca por identidade do protagonista, propõe uma reflexão sobre a cultura do esquecimento que permeia a história do Brasil. O elenco traz ainda **Paulo de Pontes**, **Tay Lopez**, **Kátia Daher**, **Badu Moraes** e **Rebeca Jamir** (90min). 16 anos.

Sesc Bom Retiro. Alameda Nothmann, 185, bom Retiro, ☎ 3332-3600. 📺 Sex. e sáb., 20h (não haversã sessão em 29/3). Dom., 18h. R\$ 50,00. Até 21/4. sescsp.org.br.

